

#10 LIJ E CIÊNCIA

ANTÓNIO GEDEÃO
CARLOS FIOHAIS
ANTÓNIO PIEDADE
JÚLIO VERNE

MANUELA LEITÃO
MUSEU MARÍTIMO DE ÍLHAVO
APROVEITA E EXPLORA
PARA BRINCALHARES

A CASA DO JOÃO

*Tropelias & Companhia
Associação Cultural*

REVISTA DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL + JANEIRO 2020

REVISTA TRIMESTRAL. DISTRIBUIÇÃO ONLINE GRATUITA. EM PAPEL 3.85€. ISSN 2184-1233.
DIRETOR: JOÃO MANUEL RIBEIRO

FICHA TÉCNICA

Diretor

João Manuel Ribeiro

Diretor-adjunto

Andreia Abreu

Chefe de Redação

J. José Olim

Design e Paginação

Patrícia Alves

Redação

Lg. Eng. António de Almeida, 30
3.º andar – Sala DD3
4100-065 Porto

Propriedade e Edição

Tropelias & Companhia
Associação Cultural
Rua António Bessa Leite, 1516 C,
3.º Dto / 4150-074 Porto
Contribuinte 508828325

Orgãos Sociais

Mariana Vide Tavares
(Presidente da Mesa da Assembleia-geral)
João Manuel Ribeiro
(Presidente da Direção)
Ana Rosa Tavares
(Presidente do Conselho Fiscal)

N.º Registo ERC 127032**N.º ISSN** 2184-1233**Depósito Legal** 433086/17**Tiragem** 200 exemplares**Periodicidade** Trimestral**Impressão**

Ulzama Digital
Pol. Ind. Areta, Calle Alzutxate, 51,
31620 Huarte, Navarra
Espanha

Estatuto Editorial<https://www.acasadojoao.info/sobre>

CÁ EM CASA:

- 02 NOTÍCIAS
- 03 EDITORIAL
A Hora da Verdade
- 04 UMA HISTÓRIA POR DIA DÁ SAÚDE E ALEGRIA!
António Gedeão
- 06 GALERIA DOA ESQUECIDOS: QUEM É QUEM
António Gedeão
- 08 FALÁMOS COM
Carlos Fiolhais
- 12 O MUNDO É A NOSSA CASA
Parque de Serralves
- 14 DOSSIER
CIÊNCIA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL
- 18 UAU!
- O Público está de volta à escola
- Centro de Ciência Viva – Vila do Conde
- Sea Life - o aquário familiar amigo do ambiente!
- 24 DOS LIVROS PARA A TELA
As grandes viagens lideradas por Júlio Verne
- 26 A CASA DOS POETAS
Manuela Leitão
- 28 LEMOS, GOSTAMOS E...
RECOMENDAMOS!
- 33 OS NOSSOS PARCEIROS
Anima Natura: um universo de expressões artísticas
para descobrir!
- 34 VISITA GUIADA
Museu Marítimo de Ílhavo
- 38 CONTO
A Lua Negra
- 40 APROVEITA E EXPLORA
Dicas de escrita
- 42 CURIOSIDADES LITERÁRIAS
- 43 DE VIVA VOZ
- 44 CITAÇÕES PARA PENSAR
- 45 PARA BRINCALHARES

#10



Encontro de Escritores de LIJ

A Casa do João vai organizar um **Encontro de Escritores de Literatura Infantil e Juvenil**, no próximo dia 01 de fevereiro, na cidade do Porto, mais concretamente na Casa Allen. O objetivo deste encontro, que contará com a presença de alguns escritores galegos, será a partilha e experiências bem como a procura de soluções para algumas questões que o ofício de escrever para crianças comporta.

Festa da Leitura d'A Casa do João

No próximo dia 23 de maio, A Casa do João levará a cabo, nos Jardins da Casa da Cultura, no Porto, uma **Festa da Leitura**, com o propósito de celebrar a leitura e os leitores. Nesta festa haverá encontros com escritores e ilustradores, concertos musicais, horas do conto, animações várias. No próximo número daremos mais detalhes sobre este evento.

O concurso Os nossos avós eram cientistas

O concurso nacional «Os nossos avós eram cientistas», organizado pelo Clube UNESCO Ciência, Tradição e Cultura do Instituto Politécnico de Castelo Branco, dirigido a jardins de infância e escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB), visa incentivar o gosto pela ciência. Podem participar no concurso grupos/turmas de crianças que frequentam a Educação de Infância e o 1.º CEB e respetivos educadores de infância e professores.

O júri é composto por educadores/professores e investigadores de ciências sendo os critérios de apreciação dos trabalhos: a profundidade e a adequação da pesquisa realizada ao nível etário das crianças; a correção científica da explicação; a criatividade da história; o domínio da língua portuguesa (1.º CEB).

A data limite de envio dos trabalhos é 21 de março de 2020. Os trabalhos, entre 10 e 15 páginas (incluindo desenhos, esquemas, fotografias, ...), apresentam uma tradição, explicada em termos científicos, acompanhada de uma história original sobre essa mesma tradição. O responsável da instituição ou o professor titular de turma/educador de infância envia os trabalhos, em formato digital (PDF), exclusivamente por correio eletrónico, para o seguinte endereço: centro.ctec@gmail.com.

Os trabalhos premiados e sua divulgação serão efetuados até 22 de abril de 2020 e a entrega de prémios será a 23 de maio.

As Aventuras do Fantasma Finuras

Depois de **FF sai do armário**, saiu já o 2.º livro da coleção **As Aventuras do Fantasma Finuras**, intitulado **FF e os mistérios do passado**. Neste volume, é a zanga da Ana com a professora de História por causa da presença dos judeus na vila por ocasião da Segunda Grande Guerra, que “obriga” o Fantasma Finuras a mostrar mistérios do passado do Solar das Laranjeiras. A revelação de um espaço de culto e reunião dos judeus, por parte do Fantasma Finuras, leva os primos, apoiados pela tia Aurora, a investigarem as diversas religiões do mundo e a transformarem o espaço numa Casa da Memória e da Tolerância, uma ideia do Fantasma Finuras para o encontro de todos com todos! Um bom livro para conhecer as diversas religiões do mundo e para o diálogo inter-religioso.

Prémio Juvenil Ferreira de Castro

Com o objetivo de revelar e divulgar valores literários dos jovens, sendo, assim, um estímulo à sua capacidade criativa, a 38.ª edição do **Prémio Nacional de Literatura Juvenil Ferreira de Castro**, na modalidade de conto, e no escalão A (para jovens entre os 12 e os 15 anos de idade) foi atribuída ao conto “Um início do universo”, da autoria de Carolina Canato Reis de Carvalho Setúbal, aluna da Escola Básica 2,3 de Corroios. Neste escalão, foi ainda atribuída uma menção honrosa ao texto «A lição de Natalina», de Eunice Almeida Correia, da Escola Secundária de Arouca.

Parabéns aos vencedores!

Publicidade

Se é editor, livreiro, escritor, ilustrador e deseja publicitar n’**A Casa do João – Revista de Literatura Infantil e Juvenil**, os seus livros, a sua livraria, os seus projetos e iniciativas, consulte-nos pelo e-mail acasadojoao2017@gmail.com

A Casa do João em papel

Como lembrámos no número 9, **A Casa do João** está disponível em papel, com o custo de 3.85€, portes de envio incluídos. Quem quiser adquirir a revista em papel terá de a comprar na loja virtual d’**A Casa do João** (www.tropeliasecompanhia.store). Podem comprar número a número ou os quatro números, relativos ao ano letivo 2019/2020 (n.º 9; 10; 11 e 12). Podem adquirir-se também os números anteriores (1 e 2 incluídos).

Lembram que **A Casa do João – Revista de Literatura Infantil e Juvenil** continua a ter acesso livre e gratuito online (em ISUU – para ver e em PDF – para descarregar). Não esqueçam!



EDITORIAL

Literatura Infantil e Juvenil e Ciência

Queridos amigos

1. A literatura e a ciência, apesar das suas linguagens específicas e métodos próprios, se, em interação, podem, seguramente, proporcionar diferentes leituras e novas perspetivas de análise. A acreditar em Edgar Morin, que defende que “uma só obra literária encerra uma cultura infinita, e contém temas que, fazendo parte do pensamento humano, não podem ser fragmentados, não podem ser dissociados uns dos outros: ciência, história, ética, religião, entre outros”, o uso da literatura para o ensino das ciências é útil e até necessário.

A literatura infantil promove a aquisição de conhecimentos acerca do mundo que nos rodeia, alargando a pluralidade de perspetivas (cognitiva, linguística e cultural).

Em alguns países, e, concretamente, nos Estados Unidos, a literatura destinada às crianças e jovens integra os programas de ciência, tendo sido implementadas orientações de forma a estabelecer relações entre a literatura e o ensino das ciências (*Cognitive Poetry*). A inclusão da literatura no currículo das ciências possibilita um vasto leque de experiências e oportunidades que aumentam e desenvolvem os conhecimentos sobre o mundo, muito para além da acumulação de factos e teorias.

A literatura ajuda a entender que a ciência constitui uma busca universal de informação e conhecimento, promove o desenvolvimento de atitudes positivas sobre si mesmo e sobre os outros, fornece experiências em todas as áreas das ciências, estimula o espírito crítico e a capacidade de resolver problemas numa variedade de contextos. Além disso, a literatura estimula a curiosidade e a motivação dos alunos, permitindo que experienciem a ciência como parte integrante da sua vida. Isto porque, apesar dos conceitos científicos serem, tantas vezes, abstratos, ao serem apresentados em formato literário (história, poema, etc.) são, assim, colocados num contexto significativo, o que possibilita uma melhor e mais ampla compreensão científica.

A relação entre a literatura e a ciência facilita o processo de ensino/aprendizagem e o desenvolvimento de competências científicas, ajudando a que os alunos possam encarar a ciência como um processo de descoberta e exploração, em vez de simples memorização.

O recurso à literatura infantil no ensino das ciências permite não só a abordagem e exploração de temas presentes no currículo da disciplina de ciências como, sobretudo, a resolução de equívocos e o despertar de desafios, geradores de crescimento intelectual e atividades lúdicas motivadoras.

2. Por todas estas razões, e porque não há nenhum tema ou assunto estranho à LIJ, dedicamos este n.º 10 d’*A Casa do João* à ciência, cientes de que há boa literatura infantil e juvenil que versa e trata o tema da ciência.

Assim, dar-te-emos a conhecer António Gedeão, o escritor português que melhor e mais profundamente estabeleceu pontes entre a literatura e a ciência; entrevistamos o físico e cientista Carlos Fiolhais; e damos-te a conhecer o Centro de Ciência Viva de Vila do Conde e o Sea Life!

Além destes destaques, há outros assuntos que se conectam com a ciência, em algum dos seus ramos ou domínios.

Espero que te sintas desafiado a ser e saber mais!

João Manuel Ribeiro



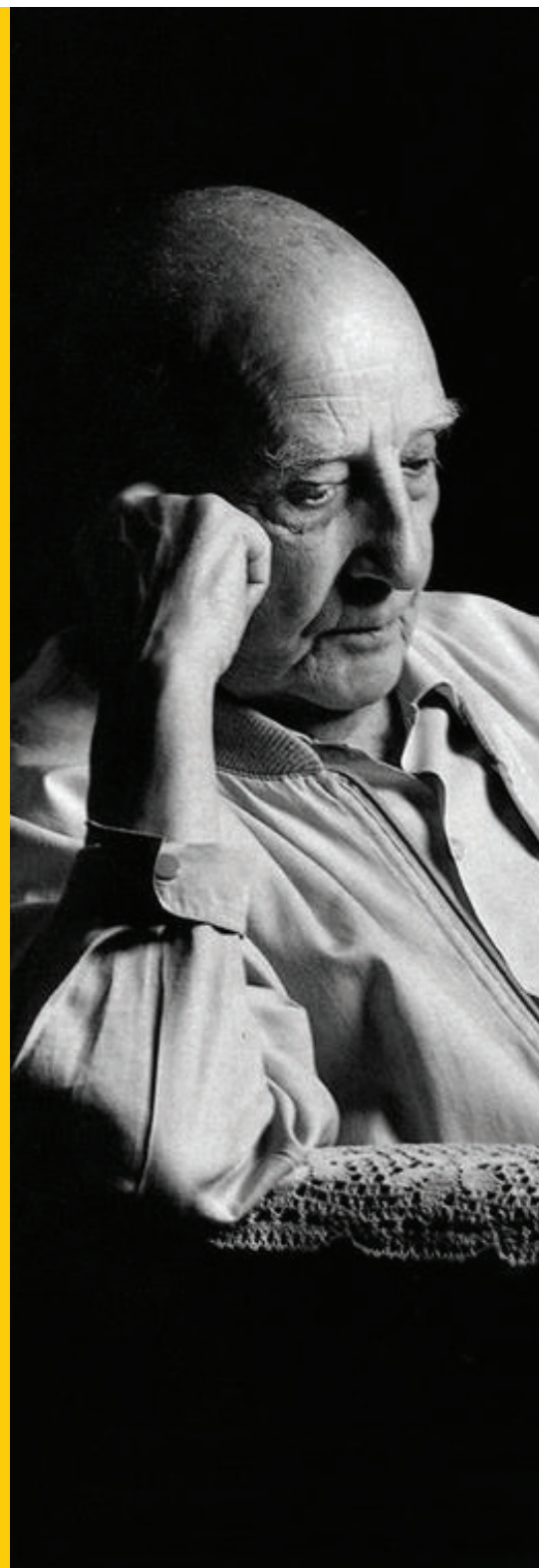
UMA HISTÓRIA POR DIA DÁ SAÚDE E ALEGRIA!

António Gedeão

AUTOBIOGRAFIA

Enquanto comia
num gesto tranquilo,
comia e ouvia
falar-se daquilo.
Dormia e ouvia
solicitamente,
como se presente
presente estaria.
E enquanto comia,
comia e ouvia,
a frágil menina
que no fundo habita,
que chora e que grita
saía de mim.
Saía de mim
correndo e chorando
num gesto revoltado,
cabelinho solto,
roupa esvoaçando.
Ia como louca,
chorava e corria,
enquanto eu metia
comida na boca.
Fugia-lhe a estrada
debaixo dos pés,
a estrada pisada
que o luzeiro doira,
serpentina loira
que vai ter ao mar.
Corria a menina
de braços erguidos,
seus brancos vestidos
pareciam luar.
Por dentro ia a noite,
por fora ia o dia.

A vida estuava,
a maré subia.
Caiu a menina
na praia amarela,
logo um modelo de algas
se apoderaram dela.
Se apoderou dela
carinhosamente,
que as algas são gestos,
mas não são de gente.
Caiu e ficou-se
deitada de bruços,
desfeita em soluços
sem forma nem lei.
Ó minha aguazinha
faz com que eu não sinta,
faz com que eu não minta,
faz com que eu não odeie!
Aguazinha querida,
compromisso antigo,
dissolve-me a vida,
leva-me contigo.
Leva-me contigo
no berço das algas;
que o sal com que salgas
seja o meu vestido.
Ficou-se a menina
desfeita em soluços,
seu corpo, de bruços,
com o mar a cobri-lo,
enquanto eu, sentado,
sentado comia,
comia e ouvia,
falar-se daquilo.



PASTORAL

Não há, não,
duas folhas iguais em toda
a criação.

Ou nervura a menos, ou
célula a mais,
não há, de certeza, duas
folhas iguais.

Limbo todas têm,
que é próprio das folhas;
pecíolo algumas;
bainha nem todas.
Umas são fendidas,
crenadas, lobadas,
inteiras, partidas,
singelas, dobradas.
Outras acerosas,
redondas, agudas,
macias, viscosas,
fibrosas, carnudas.
Nas formas presentes,
nos actos distantes,
mesmo semelhantes
são sempre diferentes.

Umas vão e caem no
charco cinzento,
e lançam apelos nas ondas
que fazem;
outras vão e jazem
sem mais movimento.
Mas outras não jazem,
nem caem, nem gritam,
apenas volitam
nas dobras do vento.

É dessas que eu sou.

LÁGRIMA DE PRETA

Encontrei uma preta
que estava a chorar,
pedi-lhe uma lágrima
para a analisar.

Recolhi a lágrima
com todo o cuidado
num tubo de ensaio
bem esterilizado.

Olhei-a de um lado,
do outro e de frente:
tinha um ar de gota
muito transparente.

Mandei vir os ácidos,
as bases e os sais,
as drogas usadas
em casos que tais.

Ensaiei a frio,
experimentei ao lume,
de todas as vezes
deu-me o que é costume:

Nem sinais de negro,
nem vestígios de ódio.
Água (quase tudo)
e cloreto de sódio.

3

GALERIA DOS ESQUECIDOS: QUEM É QUEM?

António Gedeão

Originalidade difícil de catalogar

António Gedeão, de seu nome verdadeiro Rómulo de Carvalho (1906-1997), foi um professor e poeta português. *Pedra Filosofal* e *Lágrima de Preta* constituem dois dos seus mais célebres poemas.

A data do seu nascimento foi adotada em Portugal, em 1996, como Dia Nacional da Cultura Científica. A sua obra é um dos exemplos maiores da lusofonia do século XX.

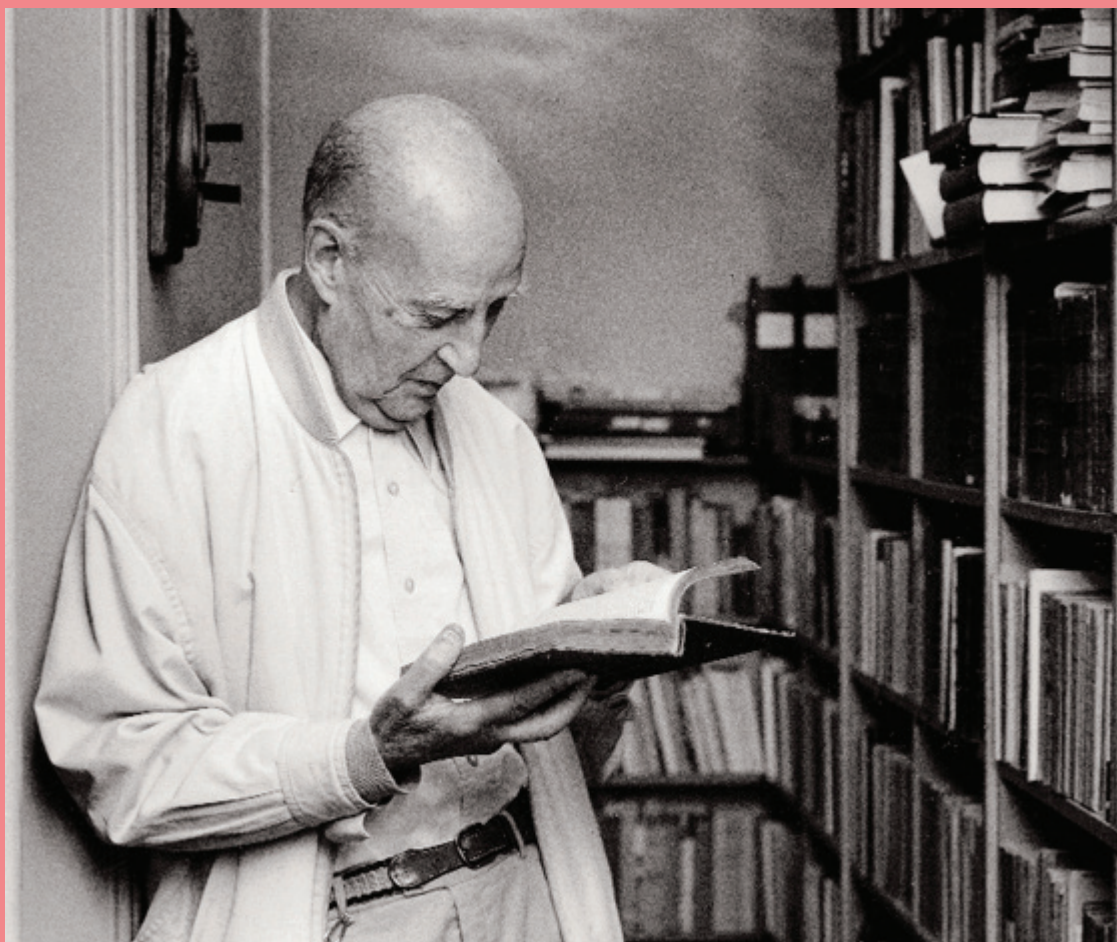
Sabias que a figura materna foi uma influência decisiva para a vida do pequeno Rómulo?

A mãe, apesar de contar somente com a instrução primária, tinha como grande paixão a literatura, sentimento que transmitiu ao filho Rómulo, assim batizado em honra do protagonista de um drama lido no folhetim de jornal. É ela, que através dos livros comprados em fascículos, vendidos semanalmente pelas casas, ou mais tarde, requisitados nas livrarias Portugalia ou Morais, iniciava o pequeno no arte das palavras.

Assim, Rómulo toma contacto com grandes nomes literários como Camões, Eça de Queirós e Cesário Verde.

Precoce, aos cinco anos, escreve os primeiros poemas e aos 10 decide completar os *Lusiadas*, de Luis Vaz de Camões.

A par da indiscutível ligação com as letras, ao entrar para o liceu Gil Vicente, toma pela primeira vez contacto com as ciências, que despertam nele um novo interesse, que se vai intensificando com o passar dos anos.



Este fator é determinante para a escolha do caminho a tomar no ano seguinte, aquando da entrada para a universidade.

Rómulo sentia-se atraído pelo lado experimental das ciências. Apesar de não ter sido uma decisão fácil, foi esse o caminho. Assim, estuda ciências físico-químicas na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Em 1932 forma-se em ciências pedagógicas na Faculdade de Letras da cidade do Porto.

Passou por diversos estabelecimentos como o liceu Pedro Nunes, liceu Camões, liceu D. João III.

Exigente e comunicador por excelência, o ensino era, sem dúvida, a sua paixão. Além da colaboração como co-diretor da "Gazeta de Física", a partir de 1946.

A sua dedicação à ciência e à sua divulgação e história foi uma constante durante toda a sua vida.

Apesar da intensa atividade científica, Rómulo de Carvalho não esquece o dom das palavras e continuou sempre a escrever poesia. Mas nunca tenta publicá-la, curiosamente, desvalorizando-a. Só em 1956, após ter participado num concurso de poesia de que tomou conhecimento no jornal, é que publica, aos 50 anos, o primeiro livro de poemas, **Movimento Perpétuo**. Nasce assim, António Gedeão.

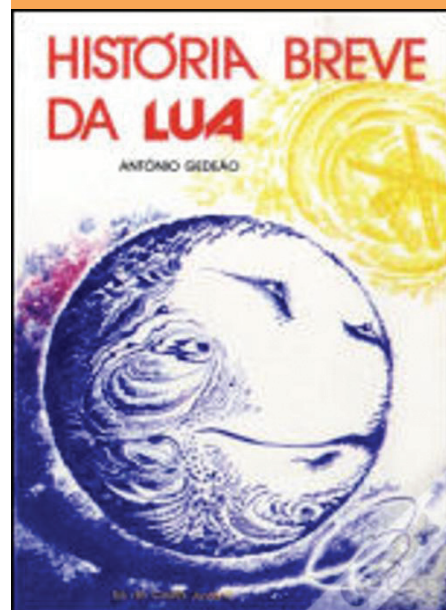
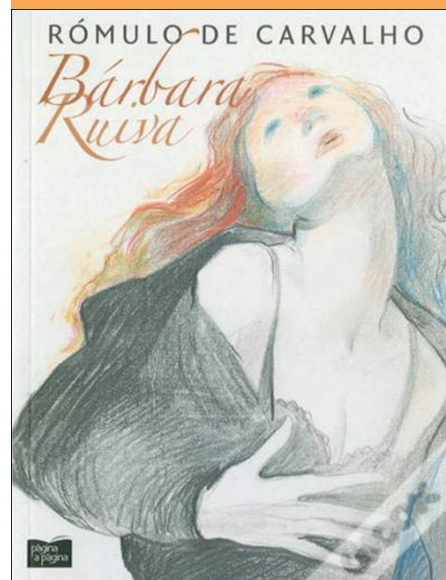
Este livro é bem recebido pela crítica e Gedeão continua a publicar poesia, aventurando-se anos mais tarde no teatro, no ensaio e na ficção.

A simbiose perfeita entre a ciência e a poesia dá-se nos seus trabalhos literários. Mas há outras intersecções entre a vida e o sonho, a lucidez e a esperança.

E aí reside a sua originalidade difícil de catalogar. Dentro dessa originalidade concorriam, entre outros traços, a incorporação das tradições do primeiro e segundo modernismos, a opção por um estilo rigorosamente cadenciado e ritmado, a expressão da inquietação e angústia coletivas do Homem do pós-guerra ou o recurso frequente a uma terminologia ou imagística provenientes do domínio científico.

Vários dos seus poemas foram também divulgados através da música, como, por exemplo, *Calçada de Carriche*, *Fala do Homem Nascido*, *Lágrima de Preta* e *Pedra Filosofal*, tendo este último, composto e cantado por Manuel Freire, obtido um sucesso invulgar.

Irene Mónica Leite



FALÁMOS COM...

CARLOS FIOLHAIS

A CIÊNCIA É DE TODOS E É PARA TODOS.

Carlos Fiolhais nasceu em Lisboa, em 1956. Licenciado em Física na Universidade de Coimbra e doutorado em Física Teórica na Universidade Goethe, em Frankfurt, Alemanha, em 1982, é Professor Catedrático de Física na Universidade de Coimbra. Foi professor convidado em universidades de Portugal, Brasil e Estados Unidos. Publicou mais de 30 livros. Participou em inúmeros encontros, conferências e ações promovendo a ciência e a cultura científica. Criou o portal de ciência www.mochop.pt. Ganhou em 1994 o Prémio União Latina/JNICT de tradução científica. Ganhou o Globo de Ouro de Mérito e Excelência em Ciência de 2004, atribuído pela televisão SIC e pela revista Caras em 2005. Foi fundador e Diretor do Centro de Física Computacional da Universidade de Coimbra, onde instalou o maior computador português para cálculo científico («Centopeia»). Dirige a revista *Gazeta de Física* da Sociedade Portuguesa de Física e é membro da comissão editorial das revistas *Europhysics News*, da Sociedade Europeia de Física, e *Física na Escola* e *Revista Brasileira do Ensino da Física*, da Sociedade Brasileira de Física. Foi diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. É o diretor do Rómulo - Centro Ciência Viva da Universidade de Coimbra.

É um cientista divulgador e comunicador de ciência. Fá-lo por dever profissional ou (também) por outra razão?

Por dever pessoal, mais do que profissional. Os cientistas não têm a obrigação imperiosa de serem comunicadores de ciência. Se fizerem ciência bem feita, já cumprirão a sua missão. Alguns não terão sequer habilidade para falarem ou escreverem de um modo acessível. Mas a ciência é de todos e é para todos: para que o seja basta que alguns cientistas, em colaboração com outros intermediários (como, por exemplo, jornalistas), se encarreguem de traduzir as descobertas





da ciência: mais do que os novos conhecimentos, importa, na minha opinião, transmitir o método da ciência, o modo como se chega ao conhecimento. Graças a esse método, a ciência vai sempre produzindo conhecimentos novos, isto é, deve ser considerada mais um processo do que um produto. Eu senti dentro de mim a vocação para a comunicação de ciência após o doutoramento, feito na Alemanha em 1982 (ou talvez tenha sido antes, mas antes não tinha tempo!). O início dos anos 80 foi a época em que apareceu a série de TV *Cosmos* de Carl Sagan, cujo guião foi logo traduzido em português pela Gradiva (uma editora então nascente que se focou na cultura científica) e as edições em português de grandes autores de ciência como Richard Feynman (eu traduzi dele *O que é uma Lei Física*), Paul Davies, Heinz Pagels, Stephen Jay Gould, Richard Dawkins, Ilya Prigogine, etc. Tiro o meu chapéu ao editor Guilherme Valente, que soube romper com uma velha cultura portuguesa.

Foi nessa altura que eu senti uma voz interior que me chamava para a divulgação de ciência. Colaborei com a Gradiva, primeiro como tradutor e consultor editorial, depois como autor e a partir de certa altura como director de colecção “Ciência Aberta”. De onde veio essa chamada? É difícil olhar para o passado, mas julgo que foi porque eu próprio entrei na ciência pela porta dos livros que li na juventude, entre os quais os livros de divulgação científica de Rómulo de Carvalho, o professor de Física e Química que escrevia poesia sob o nome de António Gedeão. De resto diziam-me, nos meus anos juvenis, que eu tinha jeito para a comunicação: escrevi e desenhei os jornais do meu liceu, o D. João III, e o jornal da Faculdade de Ciências e Tecnologias da Universidade de Coimbra. Mais tarde descobri os jornais, a rádio e televisão. E também as exposições, (ajudei no planeamento da exposição do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra no *Laboratório Chimico*). Tentei, com sítios e um blogue (*De Rerum Natura*), a divulgação o mundo da *World Wide Web*, a cujo nascimento assisti. E, desde há onze anos, dirijo o *Rómulo - Centro Ciência Viva da Universidade de Coimbra*, que começou por ser só uma biblioteca, passou a ser um sítio de palestras e hoje é também uma escola, uma oficina e um espaço de exposições. Gosto de experimentar as várias possibilidades de comunicar ciência e acho que as temos de usar a todas.

A ciência, em geral, e a física, em particular, são mesmo divertidas ou o adjetivo é *marketing*?

Reconheço que há um pouco de *marketing* no título *Física Divertida*, que parece paradoxal, mas talvez por isso mesmo atraiu na época (anos 90) um público enorme e continua hoje a atrair. A comunicação tem de se servir de uns truques de *marketing*: os títulos servem precisamente para chamar a atenção do leitor. Mas, de facto, também penso que a ciência em geral, e a física em particular, é muito mais divertida do que geralmente se pensa. É um grande prazer intelectual quando se percebe que a ciência é uma aventura humana, resultado do esforço continuado de muitos seres humanos (infelizmente, muito mais homens do que mulheres) ao longo da história. Em vez de ser algo escrito na pedra, é uma escrita permanente, podendo ser reconhecidas nessa escrita todas as marcas do humano: a curiosidade, a inquietação, a paixão, o medo, o desafio, a rivalidade, etc. O livro *Física Divertida* conta um conjunto de histórias de descoberta da Física, a começar pela lendária história do Arquimedes, que saiu da banheira para correr nu pelas ruas da cidade de Siracusa. Um aspecto essencial da comunicação da ciência consiste em mostrar que a ciência é uma actividade humana. É o ser humano que arranca à Natureza o conhecimento, um conhecimento que é sempre passível de revisão, uma vez que a ciência continua.

Como despertar nas crianças o que designou de “curiosidade apaixonada”? Ou não é preciso?

A expressão «Curiosidade apaixonada» é de Einstein, quando lhe perguntaram qual era o seu talento especial, ele respondeu, modesto, que não tinha nenhum talento especial, mas tinha “curiosidade apaixonada”. Curiosidade todos temos, curiosidade apaixonada, isto é, uma curiosidade intensa e obsessiva como um paizão, só estará ao alcance de poucos. Não penso que tenhamos de despertar a “curiosidade apaixonada” nas crianças, porque muito poucas, quase nenhuma, virão a ser Einsteins. Basta que simplesmente lhe despertemos a curiosidade. Ou melhor, uma vez que ela já vem de nascença com a curiosidade, que lha avivemos. Como? Julgo que se deve começar pela experimentação: as experiências a brincar são o prelúdio das experiências a sério. É possível com materiais simples responder a perguntas simples. Por exemplo, pensando na flutuação de Arquimedes, perguntar e verificar quais são os objectos que flutuam e os que afundam na água. Uma batata afunda, mas uma maçã já flutua. Escrevi, em parceria com colegas, uma série de dez livros intitulada **Ciência a Brincar**, na Bizâncio. Na Escola do Rómulo fazemos algumas dessas experiências para crianças de nove anos, que estão no quarto ano de escolaridade. O método da ciência consiste na observação, na experimentação (que é a observação controlada) e no raciocínio lógico. Experiências convenientemente escolhidas permitem uma iniciação no método. E o método é tudo. Há certas afirmações a respeito da Natureza que estão certas ao passo que há outras que estão erradas. É o método científico que as permite distinguir.

Considera possível a aproximação entre a ciência e a literatura, nomeadamente a literatura Infantil e juvenil (sem que nenhuma se renda à outra)?

A ciência é o nosso confronto com a natureza; é, portanto, uma dimensão humana. Pode e deve dialogar com outras dimensões humanas, como as artes, onde se inclui a literatura. Na arte, tal como na ciência, também se responde a questões colocadas pela mente, mas o método é evidentemente diverso. A aproximação entre ciência e arte é possível, porque ambas buscam sentido, ordem, a partir de infor-

mação desordenada. Se olharmos para a literatura portuguesa encontramos muitos exemplos de proximidade com a ciência. Logo numa das primeiras obras escritas em português, os **Colóquios dos Simples**, do médico Garcia da Orta, Luís de Camões deixou os seus primeiros versos impressos. O mesmo Camões, nos **Lusíadas**, apresenta o sistema do mundo ptolemaico, assinala muitas plantas e descreve fenómenos naturais como o fogo de Santelmo. Antes disso, Gil Vicente tinha escrito o seu **Auto dos Físicos**, onde são retratados os médicos da época. Bastante mais tarde, Bocage escreve sobre a primeira subida em balão efectuada em Portugal pelo italiano Vincenzo Lunardi, há 225 anos. Rómulo de Carvalho soube juntar de uma forma única ciência e literatura na sua poesia. Muitos escritores, ao longo da história, tiveram formação científica-técnica: é o caso de Jorge de Sena, que foi engenheiro civil (nascido há cem anos), ou de João Lobo Antunes, que é médico. Também nas artes visuais se podem encontrar paralelismos notáveis com as ciências. No século XV, antes da Revolução Científica, foi a geometria que permitiu uma representação tridimensional realista, ao proporcionar as técnicas da perspectiva. Além disso, há uma longa tradição de matematização da beleza, onde entra a chamada «razão dourada» ou «divina proporção». Tal como na arte existe harmonia e quebra de harmonia, também na ciência há elementos estéticos, com simetrias e quebras de simetria. Vendo bem, procuramos o belo por todo o lado. E o verdadeiro muitas vezes identifica-se com o belo.

CARLOS FIOLHAIS



O que é necessário fazer, em seu entender, para promover uma cultura científica entre os mais novos?

Chamamos cultura científica à relação da ciência com outras actividades do ser humano: a ciência tem relação com a saúde, com a lei, com a filosofia, com a ética, com a lei, etc. Já falei da iniciação à ciência que pode ser a experimentação. Relacionada de perto com a experimentação deve ser valorizada a colocação de perguntas. Ora o questionamento permite imediatas ligações com outras actividades humanas. Nunca se deve aceitar sem crítica as afirmações que chegam até nós. Citando de novo Einstein: «não podemos parar de fazer perguntas». Ter cultura científica significa perguntar. Perguntar uma vez, outra e outra ainda.

Aparece como coautor do livro *Entre Estrelas e Estrelinhas Este Mundo anda às Voltinhas*, de José Fanha, Daniel Completo. Em que consistiu e como foi a sua participação neste projecto?

O José Fanha e o Daniel Completo procuraram-me para eu colaborar num projecto que tinham de um livro de poemas sobre temas de ciência a musicar depois. Achei uma óptima forma de cultura científica para os mais novos. Fiz sugestões sobre os poemas, preparei um breve prefácio e, depois do livro pronto (que é acompanhado por um CD,) temos ido a várias escolas. O José e o Daniel tocam e cantam as canções eu faço duas coisas: uma é explicar o tema de cada canção, e outro é, perto do final, responder a qualquer pergunta que colocam. E há perguntas muito curiosas... A perguntar se exercita a curiosidade.

Entrevista conduzida por João Manuel Ribeiro

O MUNDO É A NOSSA CASA

Parque de Serralves Um pulmão a estimar



Sabias que Serralves constitui uma referência singular no património da paisagem em Portugal? O espaço sintetiza e simboliza uma aprendizagem e um conhecimento das transformações do território, no espaço e no tempo num contexto cultural: Portugal e os séculos XIX e XX. Descobre mais pormenores de seguida.

Texto: Irene Mónica Leite



O Parque de Serralves tem 18 hécatares e é composto por uma grande diversidade de magníficos espaços harmoniosamente interligados: jardins formais, matas e uma quinta tradicional.

Projetado pelo arquiteto Jacques Gréber, nos anos 30 do século XX, é uma referência singular no património da paisagem em Portugal.

A origem do Parque de Serralves remonta a 1923 quando Carlos Alberto Cabral, 2.º Conde de Vizela, herda a Quinta do Lordelo, propriedade de veraneio da família à Rua de Serralves, e a sua história divide-se em três momentos: os traços do jardim de finais do

século XIX da Quinta de Lordelo e a Quinta do Mata-Sete, o jardim de Jacques Gréber para a casa de Serralves, e a passagem do Museu de Arte Contemporânea.

Com a aquisição da propriedade pelo Estado Português, em 1986 procederam-se a intervenções que acautelassem situações mais prementes e permitissem a abertura faseada do parque ao público.

O nascimento do Museu de Arte Contemporânea de Serralves, em 1996, representou outro momento fundamental na história do parque através de nova intervenção na paisagem. Refira-se que esta aconteceu numa parcela lateral ocupada pela horta ajardinada e pelo laranjal e foi dirigida por João Gomes da Silva (com a colaboração de Erika Skabar), arquiteto paisagista convidado por Álvaro Siza Vieira.

A história do lugar, a sustentabilidade do espaço e a topografia foram os aspetos estruturadores do projeto que tinha em conta não só a presença do novo edifício, como o seu programa e usos.

O Parque de Serralves, objeto de um projeto de recuperação e valorização, iniciado em 2001 e concluído em 2006, constitui um contributo significativo para a educação e sensibilização da sociedade para a salvaguarda do património de paisagem, bem como para a necessidade de conciliar o espaço patrimonial com as manifestações e os processos culturais determinados pela sociedade contemporânea, sem hipotecar a sua integridade e permanência.

Uma das qualidades do Parque de Serralves é a diversidade do seu património arbóreo e arbustivo composto por vegetação autóctone e exótica e que inclui cerca de 8000 exemplares de plantas lenhosas, representando sensivelmente 230 espécies e variedades.

Refira-se que a programação do Parque assenta numa estratégia apoiada no desenvolvimento de ciclos de programação que se desejam de regularidade anual.



O caráter lúdico e pedagógico representa duas áreas estruturantes e complementares do programa de atividades para o público, promovendo-se em Serralves, bem como no exterior, atividades que incentivam à reflexão, à percepção e à cognição da paisagem enquanto construção cultural, espacial e temporalmente evolutiva, a par com a sua fruição, que se deseja informada. Em paralelo, são promovidas ações de formação de caráter sócio-pedagógico, para públicos específicos, no quadro da ação da Fundação de Serralves.

“Há uma bióloga e uma arquiteta paisagista presente neste parque. O objetivo é dar a conhecer por um lado, o que se faz no centro de investigação e, por outro lado, ajudar mesmo a fundação a conhecer melhor os seus recursos naturais: a fauna, a flora...”, explicou à *Casa do João* Raquel Ribeiro, bióloga.

“Com este pano de fundo surgiu a ideia de criar um livro de ilustração, para mostrar precisamente o parque ao longo das quatro estações do ano”.

Já Teresa Matos Fernandes, arquiteta paisagista, explicou-nos que “o Parque de Serralves é histórico na

cidade do Porto, tem 18 hectares. Esses 18 hectares são muito importantes para a estrutura ecológica do Porto. Tem um equilíbrio ecológico muito importante, com zonas quase intocadas”.

“Nós queremos mostrar às pessoas que Serralves não é só um jardim bonito e importante na história da arquitetura paisagista. É também uma zona de vida selvagem. Não é só um museu. Não é só a casa cor de rosa. Serralves é uma zona ótima para ver a biodiversidade local. Também queremos chamar a atenção das características das espécies, através de uma ilustração divertida”, acrescenta.

Este livro constitui “uma forma de ajudar na leitura dos seres e objetos que estão a ser desenhados. A ilustração realça os pormenores importantes. O que realmente importa para perceber o ser. Não é ilustração científica, mas acaba por aproximar-se, pois é realista. Foram muitos meses de trabalho, tendo sido um processo muito engraçado”, revelou à *Casa do João* a ilustradora Fedra Santos.

O DINAMISMO EM SERRALVES E OS RECONHECIMENTOS

Neste espaço, investigadores especialistas, a trabalhar em Portugal, partilham as suas histórias e aventuras, desvendando pormenores fascinantes do mundo natural em momentos organizados à procura e descoberta de aves, insetos e aranhas, morcegos e micromamíferos, anfíbios, répteis e plantas (entre outros), em parceria com o CIBIO-InBIO – Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos.

O CIBIO é um Centro de Investigação da Universidade do Porto, em Ciências Biológicas, que desenvolve investigação básica e aplicada nas três principais componentes da biodiversidade: genes, espécies e ecossistemas.

Este Centro de Investigação ambiciona promover o avanço do conhecimento científico nos domínios explicitados, colaborar na definição de prioridades de conservação e medidas de gestão junto das autoridades nacionais e internacionais ligadas à conservação, formar estudantes aos mais diversos níveis, e melhorar a compreensão e apreciação pública pela biodiversidade.

Merecem, também, especial referência os dois prémios já atribuídos ao Parque de Serralves: o prémio da inovação no domínio da educação ambiental da Associação Portuguesa de Museologia – APOM (1996) e o “Henry Ford Prize for the Preservation of the Environment” (1997).



CIÊNCIA E LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

A ciência é o ponto de partida das histórias destes livros, que procuram jogar com a língua e com a imagem ao mesmo tempo que transmitem alguns conceitos e ideias de âmbitos como a biologia, a matemática e a astronomia, assim demonstrando que é possível aliar domínios tão diferentes como a literatura e a ciência e salientando a criatividade que a primeira pode incutir na segunda.

Neste dossier, recolhemos (antes que se percam), as resenhas do site A Casa da Leitura, da Fundação Calouste Gulbenkian, assinados por diversos estudiosos (a quem agradecemos), e que oferecem um possível itinerário a quem quiser trabalhar temáticas científicas com livros de LIJ. Agrupámos estas resenhas em dois eixos: factos científicos e biografias de cientistas...

FACTOS CIENTÍFICOS

Pó de Estrelas, de Jorge Sousa Braga, constitui uma revisitação poética do universo e de algumas das suas noções. Tomando como ponto de partida o cosmos e a própria astronomia, o sujeito poético recria poeticamente temas científicos, propondo leituras alternativas da realidade. Um pouco à semelhança do que já ocorrera com *Herbário*, trata-se, de alguma forma, de mostrar como todos os temas podem conhecer tratamento literário, interseccionando ciência e literatura. As ilustrações de Cristina Valadas, com recurso aos recortes e às colagens propõem leituras complementares dos poemas, sublinhando a dimensão humana do universo.

(Ana Margarida Ramos)

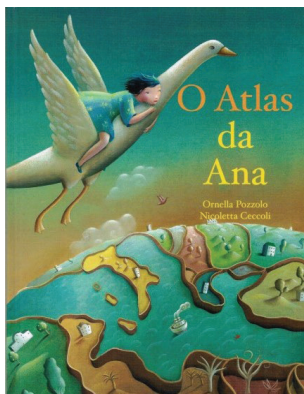
Pó de Estrelas | Autor(es) Jorge Sousa Braga, Cristina Valadas (Ilustrador) | Editora Assírio & Alvim | Local Lisboa | Data de edição 2004 | Data da edição original 2004

O Atlas da Ana

Este álbum narrativo tematiza a questão da divisão política do planeta, dando conta da convencionalidade das fronteiras geográficas que dividem os vários países. Protagonizada por Ana, uma menina que queria ver as fronteiras desenhadas nos mapas, a narrativa desenrola-se em torno das viagens e aventuras vividas pela criança e pelos animais quem, sucessivamente, a ajudam a ultrapassar os obstáculos com que se vai deparando. As descobertas realizadas vão permitir-lhe pôr em causa a informação do Atlas e conduzi-la-ão na construção de um mapa alternativo, onde o mundo aparece como uma aldeia global, sem muros que dividam os jardins, os céus e os mares onde se movem os animais. As ilustrações desempenham um papel muito relevante no livro, recriando os espaços naturais por onde a protagonista se move. Atente-se, especialmente, nos vários efeitos de perspetiva utilizados, assim como no relevo das sugestões de movimento e ação conseguidas pela ilustradora.

(Ana Margarida Ramos)

O Atlas da Ana | Autor(es) Ornella Pozzolo, Nicoletta Ceccoli (Ilustrador) | Editora Livros Horizonte | Local Lisboa | Data de edição 2002

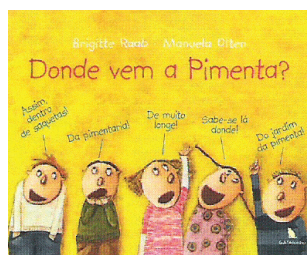


Donde Vem a Pimenta

Álbum sobre diferentes mistérios e segredos da Natureza e do mundo que nos rodeia, esta publicação parece dar voz às perguntas das crianças e ao seu deslumbramento perante a surpresa e a estranheza das coisas. Assim, o livro joga, com humor, com outras possibilidades de resposta para as perguntas, promovendo a imaginação e a capacidade inventiva dos leitores e olhando para o mundo de forma divertida e bem-humorada. As ilustrações sublinham a dimensão humorística da publicação representando as várias possibilidades de resposta às questões colocadas. A segunda edição deste álbum corrige as falhas científicas da primeira edição entretanto retirada do mercado.

(Ana Margarida Ramos)

Donde Vem a Pimenta? | Autor(es) Brigitte Raab, Manuela Olten | Editora Gatafunho | Local Lisboa | Data de edição 2008 | Data da edição original 2006



Este **Herbário** recolhe um conjunto de poemas percorridos pela temática da Natureza e da flora em particular, pedindo emprestada a designação geralmente atribuída às coleções de espécies vegetais (folhas e flores). São alvo de particular destaque algumas espécies que se distinguem pelo insólito da forma, pela estranheza da designação ou, simplesmente, pela perturbante proximidade e pelo mistério que encerram, a par do humor que sugerem ou promovem. As ilustrações de Cristina Valadas, num estilo que lhe é particular, combinam a cor, quase sempre associada à espécie em questão, com o desenho e o uso do sinal contorno na representação da figura humana.

(Ana Margarida Ramos)

Herbário | Autor(es) Jorge Sousa Braga, Cristina Valadas (Ilustrador) | Editora Assírio & Alvim | Local Lisboa | Data de edição 2002 | Data da edição original 1999



Tobias Encontra Leonardo

A somar aos cinco primeiros volumes da série “Tobias”, um novo título vem devolver ao álbum o seu poder de aproximação à Arte, numa linha que aposta fortemente na intertextualidade. Alimentando a criança de referentes culturais, este álbum narra o encontro surpreendente de Tobias com o génio do Renascimento – Leonardo da Vinci. Partindo de uma narrativa simples, pautada pela coloquialidade e pelo humor, Manuela Bacelar conduz o leitor até ao universo criativo daquele sábio e artista polifacetado, dando especial relevo a algumas das suas mais importantes obras e invenções. Atente-se, aliás, em referências, mais ou menos explícitas, a esboços e anotações do pensador e à sua emblemática escrita reversa, ao seu célebre Homem Vitruviano e às suas asas voadoras – que, aqui, ganham forma com o incentivo e a ajuda do pequeno herói –, ou, ainda, no campo da pintura, à Última Ceia, todos eles de conhecimento universal, e que colocam da Vinci no cume da sabedoria e de uma Arte intemporal. A originalidade temática e a forma peculiar como a autora aborda uma área complexa e, aparentemente, abstrata aos olhos dos mais novos, unem-se a um conjunto magnífico de ilustrações que recriam, com pormenor e clareza, as personagens e as sequências fundamentais da ação, aproximando o leitor dos pensamentos artístico/inventivo e plástico/ficcional de ambos os artistas.

(Carina Rodrigues)

Tobias Encontra Leonardo | Autor(es) Manuela Bacelar, Manuela Bacelar (Ilustrador) | Editora Porto Editora | Local Porto | Data de edição 1991

A Borboleta

Este é um volume no qual se aborda, de forma simultaneamente objetiva e divertida, o desenvolvimento, o crescimento e, genericamente, o mundo das borboletas. Com grafismo muito cuidado e visualmente muito estimulante, baseado na conjugação de pequenos elementos ilustrativos da autoria de Yara Kono, num estilo muito atraente, e de fotografias do universo natural, bem como no recurso a um lettering variado (com cores, dimensões e tipos diversos), esta obra de fundo pedagógico interpela diretamente o potencial leitor («Conheces bem as borboletas?»), responde a questões como «Como é o corpo das borboletas?» ou «Será que as borboletas têm inimigos?» e apresenta curiosidades sobre o inseto em questão. O recurso a uma construção lúdica (enigmas, questões de resposta múltipla ou de verdadeiro/falso, etc.) promove um contacto aliciante com o universo das ciências naturais. A secção dedicada a mediadores adultos – pais e educadores – contempla sugestões de atividades, reiterando o fundo «informal» da publicação, sem descurar o seu carácter didático.

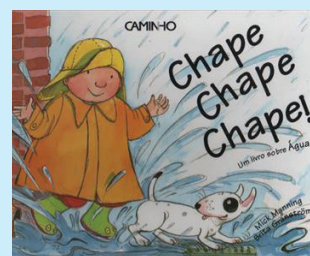
A Borboleta | Autor(es) Ana Oom, Yara Kono (Ilustrador) | Editora Zero a Oito | Local Lisboa | Data de edição 2009

Chappe Chappe Chappe! Um livro sobre Água

Narrativa sobre o ciclo da água, Chappe chappe chappe! constitui uma viagem que acompanha o movimento e as alterações de um dos elementos naturais mais importantes para a vida humana e animal no planeta, mas que permanece cheio de mistérios e segredos aos olhos infantis. O álbum possibilita vários níveis de leitura, disponibilizando, para além da narrativa principal sobre as aventuras de um rapaz e o seu cão, informação científica e rigorosa sobre a água e aspetos diretamente relacionados com ela, alargando significativamente o universo de potenciais leitores e níveis de leitura. As ilustrações também oferecem informações diversificadas: as de maiores dimensões acompanham a narrativa principal e as mais reduzidas servem de apoio às informações técnicas complementares.

(Ana Margarida Ramos)

Chappe Chappe Chappe! Um livro sobre Água | Autor(es) Mick Manning, Brita Granström | Editora Caminho | Local Lisboa | Data de edição 2000



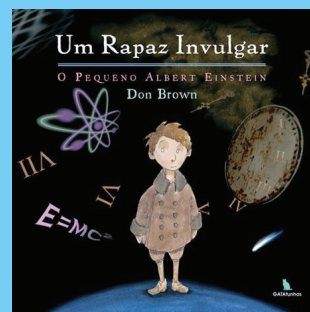
BIOGRAFIAS DE CIENTISTAS

Um rapaz invulgar – o pequeno Albert Einstein

De cariz biográfico, *Um rapaz invulgar – o pequeno Albert Einstein* dá especial relevo à infância do génio da ciência do século XX, apresentando-o como uma criança em tudo semelhante às outras, com as suas qualidades e defeitos, cujo crescimento foi sempre marcado por uma especial atração pela matemática e pela curiosidade científica. Aproximando a figura de Einstein da realidade das crianças contemporâneas, dando conta da forma como brigava com a irmã ou era incompreendido pelos colegas e alguns professores, o texto cria uma imagem mais real do pensador, ao mesmo tempo que divulga as suas descobertas e os seus interesses, assim como o contexto cultural e político em que cresce e que o marca profundamente, levando a defender a tolerância e a paz, mesmo em momentos conturbados da História Mundial. As ilustrações recriam a cor local que serve de cenário à intriga, apostando na representação das personagens e dos cenários onde se movem.

(Ana Margarida Ramos)

Um rapaz invulgar – o pequeno Albert Einstein | Autor(es) Don Brown, Don Brown (Ilustrador) | Editora Gatafunho | Local Lisboa | Data de edição 2005

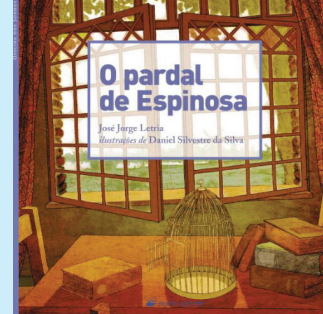


O pardal de Espinosa

À semelhança do que já fizera em outros textos, José Jorge Letria recria, com alguma fidelidade histórica, a biografia de Espinosa, um dos mais importantes filósofos do século XVII. A partir da perspetiva de um pequeno pardal – símbolo da liberdade e da irreverência tão caras à criação e ao progresso da ciência e da reflexão – com o qual Espinosa trava amizade, são revisitados alguns dos momentos mais relevantes da vida daquele estudioso, com especial relevo para a sua simplicidade e humildade, mas também para a sua perseverança e amor ao estudo. Autor e ilustrador revelam particular preocupação com a reconstituição do contexto histórico e cultural no qual a ação se desenrola, recorrendo a elementos que reforçam a cor local e epocal. A comprová-lo, veja-se a seleção cromática realizada, reforçando a sugestão histórica e documental da publicação.

(Ana Margarida Ramos)

O pardal de Espinosa | Autor(es) José Jorge Letria, Daniel Silvestre da Silva (Ilustrador) | Editora Porto Editora | Local Porto | Data de edição 2007



A Árvore da Vida – Charles Darwin

Original biografia visual e escrita de Charles Darwin, este álbum, da autoria de Peter Sís, um dos mais aclamados criadores contemporâneos, recria com pormenor e rigor a vida, a obra e o percurso científico de um dos maiores cientistas do século XIX, autor da Teoria do Evolucionismo. O volume assenta numa construção muito especial, contendo vários níveis de informação e articulando, de forma muito sábia e completa, texto e imagens. Estas, procurando ser fiéis ao registo científico e documental, aproximam-se dos registos da época e dos próprios apontamentos de Charles Darwin e desempenham um papel relevante na edição. Documentos autênticos, como cartas, diários de viagens e as suas obras, serviram de inspiração ao criador do álbum de modo recriar, com fidelidade e rigor, a figura do autor e o contexto onde se moveu. Destaquem-se, como momentos centrais, os relativos à descrição da viagem no Beagle e à apresentação e reações à sua tese sobre A Origem das Espécies. Uma palavra de apreço para a qualidade e rigor da tradução em português.

(Ana Margarida Ramos)

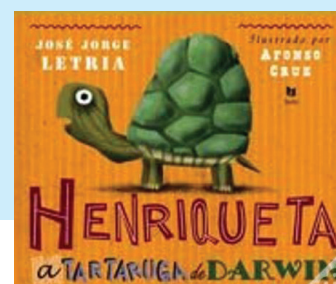
A Árvore da Vida – Charles Darwin | Autor(es) Peter Sís, Peter Sís (Ilustrador) | Editora Terramar | Local Lisboa | Data de edição 2005

Henriqueta, a tartaruga de Darwin

Sempre atento às efemérides, José Jorge Letria assinala o bicentenário do nascimento de Charles Darwin, com o lançamento do livro *Henriqueta a tartaruga de Darwin*. É pela voz de Henriqueta, uma tartaruga centenária, descoberta por Darwin durante a sua expedição às Ilhas Galápagos, que os leitores ficam a conhecer a vida do famoso naturalista inglês. Os pequenos leitores despertam para a história através da dissertação de Henriqueta, que demonstra a importância desta viagem tanto para a mudança de mentalidades de uma época, como para o surgimento de uma nova teoria da “Evolução das Espécies”. O autor através, de Henriqueta e de Darwin, utiliza um discurso coerente, linguagem simples e direta, perguntas retóricas, com o objetivo de aproximar o seu público-alvo de um assunto pouco familiar. As ilustrações, ricas em cor e em texto, ao estilo de Afonso Cruz, permitem a localização espaço-temporal, funcionam como sumário e estimulam a imaginação e a crítica.

(Inês Silva)

Henriqueta, a tartaruga de Darwin | Autor(es) José Jorge Letria, Afonso Cruz (Ilustrador) | Editora Caminho | Local Lisboa | Data de edição 2008



UAU!

HÁ ORGANIZAÇÕES, ASSOCIAÇÕES, GRUPOS, MOVIMENTOS, INICIATIVAS DE QUE JÁ OUVIMOS FALAR E OUTRAS DE QUE NÃO SABEMOS NADA. ACREDITAMOS QUE É O CASO DAS QUE TE APRESENTAMOS NESTE NÚMERO.

No reino da cultura infantil e juvenil, há muita vida e atividades fantásticas. Se estiveres atento, verás que são muitas – e cada vez mais – as atividades, iniciativas e projetos para ti. Para que aprendas, te divirtas, e cresças.

Como habitualmente, damos-te a conhecer alguns projetos que merecem a tua atenção, como o regresso do jornal Público à escola para continuar a contribuir para o desenvolvimento da tua literacia mediática, para que sejas ativo, consciente e responsável no exercício da tua cidadania nesta sociedade da informação; como o Centro de Ciência Viva de Vila do Conde, um espaço 'plurifuncional' de ciência e tecnologia, vocacionado para a difusão da cultura científica e tecnológica através da observação e experimentação; como o SEA LIFE Porto, a única empresa portuguesa com pegada ecológica positiva...



O PÚBLICO ESTÁ DE VOLTA À ESCOLA

Após uns anos de descanso, o PÚBLICO na Escola regressa revigorado. Pronto para responder aos novos desafios.

Relançado no dia 5 de novembro, mantém como primeiro objetivo continuar a contribuir para o desenvolvimento da literacia mediática nos mais novos, para que sejam indivíduos ativos, conscientes e responsáveis no exercício da sua cidadania nesta sociedade da informação e da desinformação, da participação e da manipulação, do conhecimento e do populismo, onde verdade e mentira se separam por linhas cada vez mais ténues. A proximidade com alunos, professores e pais na promoção de competências de utilização, compreensão e produção de conteúdos mediáticos está na base das linhas de ação do **PÚBLICO** na Escola.

Acompanhando os avanços tecnológicos, e atento às novas formas de comunicação, de leitura e de participação, o **PÚBLICO** na Escola apresenta-se num *site* que agrega, dinamiza e divulga várias iniciativas, com destaque para: a continuidade do Concurso Nacional de Jornais Escolares (impressos e/ou digitais), aberto a todas as escolas públicas ou privadas e a todos os níveis de escolaridade obrigatória; a proposta de atividades, concebidas a partir de conteúdos do **PÚBLICO**, aproximando os alunos, da atualidade e da prática jornalística, com sugestões pensadas numa lógica de trabalho de projeto que ligam os conteúdos da matriz curricular do 3º. Ciclo e do Ensino Secundário com aqueles que se inscrevem no domínio da educação para os *media*; a valorização da voz das crianças e dos jovens, incentivando a produção dos seus próprios conteúdos mediáticos para responder ao desafio *A tua opinião conta*; a divulgação e apoio a projetos, eventos e iniciativas das escolas que promovam a literacia mediática, em especial as que dão os primeiros passos na imprensa escrita, na rádio, na televisão, no cinema ou nos novos *media* digitais; o convite para porem as suas escolas no mapa dos *media*, partilhando no *site* as suas experiências; a subscrição de uma *newsletter* mensal para receber uma seleção de trabalhos do **PÚBLICO** na Escola, como notícias, publicações, propostas de atividades, entre outros.

O **PÚBLICO** na Escola quer colaborar com outras instituições que desenvolvam a sua ação no domínio da educação para os *media*. Cooperar na divulgação, organização ou promoção de ações conjuntas, dialogar com investigadores e profissionais da área, mantendo-se atualizado sobre formações, seminários, congressos, estudos, publicações, boas práticas nacionais e internacionais, essenciais para compreender o mundo comunicacional e dos *media*.

Facultar formação acreditada para professores sobre *Como se faz um jornal*, assim como abrir as portas das redações do Porto e Lisboa para visitas guiadas, permitindo que os alunos interajam com os diferentes atores envolvidos na realização do jornal, são outros dos compromissos do Projeto.

Num momento em que a formação de novas gerações de consumidores e produtores de *media* é determinante para o garante da democracia, o **PÚBLICO** na Escola quer voltar a ter um papel determinante, de aliado relevante dos envolvidos. É urgente formar indivíduos que saibam consumir de forma crítica e isso só se consegue aproximando os *media* do sistema educativo, envolvendo profissionais da educação e da comunicação. Um compromisso que o **PÚBLICO** na Escola assumiu, numa parceria com o Ministério da Educação e com o apoio da EDULOG.

Luísa Gonçalves





CENTRO CIÊNCIA VIVA DE VILA DO CONDE

Uma visita que é um jogo de descoberta!

O Centro de Ciência Viva de Vila do Conde é um espaço descrito como 'plurifuncional' de ciência e tecnologia, vocacionado para a difusão da cultura científica e tecnológica através da observação e experimentação.

Reza a história que a 28 de setembro de 2001 foi constituída a **Associação Centro Ciência Viva de Vila do Conde** cujos membros associados são o Ciência Viva – Agência Nacional para a Cultura Científica e Tecnológica, o Município de Vila do Conde e a Universidade do Porto.

O Centro Ciência Viva de Vila do Conde seria inaugurado a 2 de março de 2002, integrando a rede de centros Ciência Viva do Ministério de Ciência e do Ensino Superior.

Refira-se que este centro é bastante dinâmico no âmbito da sua atividade, incentivando a realização de visitas de grupos às suas exposições, quer por parte de escolas, quer de outras instituições.

UM EDIFÍCIO COM HISTÓRIA

O Centro de Ciência Viva de Vila do Conde apresenta por si só uma grande história, isto porque se situa no edifício da antiga cadeia civil.

Em finais do séc. XIX, a construção de uma nova cadeia, dada a inexistência de condições de higiene, segurança e capacidade, era uma necessidade indiscutível, pelo que, em junho de 1903, foi iniciado o processo de expropriação de um terreno na Rua das Donas para aí erguer um edifício destinado às repartições públicas da Comarca e à Cadeia.

Consta que a obra foi efectivamente iniciada, mas o Projecto foi interrompido, sendo apresentado à Câmara, em 27 de abril de 1915, uma nova proposta de construção no lugar das Pedreiras. Em defesa do novo Projecto foram invocadas razões económicas, e a centralidade do edifício relativamente à área do Concelho. Deste modo, surge este imóvel singular de arquitectura presidiária, com a configuração geométrica de um dodecágono, apresentando um pátio interior encimado com uma clarabóia em vidro.

Já nos anos 70, com a abertura da Cadeia de Custóias, o edifício seria libertado das funções de Cadeia Civil.



Em 1997 inicia-se o projecto de recuperação e adaptação, assumido pela Câmara Municipal e participado pela Comunidade Europeia, que viria a ser inaugurado a 1 de Setembro de 1999 pelo Ministro da Ciência e da Tecnologia, José Mariano Gago, tendo nesta data começado a desenvolver-se o Projecto que viria a culminar com a instalação do Centro Ciência Viva de Vila do Conde.

De mencionar que a requalificação deste espaço mereceu uma "Menção Honrosa" pelo Júri do Prémio Nacional de Arquitectura Alexandre Herculano, que distingue intervenções de exemplar qualidade nos Centros Históricos.

AS VALÊNCIAS

Exposições

Nas exposições, temos que mencionar a mostra interativa: "A água no corpo humano: o sangue". Sabias que a água constitui cerca de 70% do corpo humano e representa 90% do plasma sanguíneo?

O Centro apresenta uma exposição permanente sobre "a água no corpo humano: o sangue", que inclui vários módulos interactivos onde são explorados conceitos de áreas do conhecimento tão diversas como a matemática, a física, a química ou a biologia.

Atividades múltiplas

De forma a intensificar a sua dinâmica, o Centro Ciência Viva de Vila do Conde desenvolveu para o ano letivo 2019/2020 um conjunto diversificado de atividades que vão ao encontro das necessidades curriculares dos docentes, de forma a complementar o seu trabalho realizado na sala de aula.

Refira-se que estas atividades podem ocorrer quer no centro, quer na escola ou no exterior com programas, nomeadamente para o pré-escolar ou 1º ciclo.

A animação científica constitui outra das valências desta instituição. A animação científica consiste na realização de experiências relacionadas com o tema selecionado. É dada uma grande ênfase à componente experimental, e todos os participantes levam consigo o resultado da sua atividade. No fim da festa, recebe um *Kit* Personalizado Ciência Viva para realizar a atividade em sua própria casa.

O Centro disponibiliza um local devidamente decorado para a ocasião, onde poderá lanchar com os seus convidados. O lanche é da responsabilidade dos pais.

Animações realizadas no Exterior

Dois monitores do Centro deslocam-se ao local da animação e elaboram, em conjunto com os convidados, um pacote de experiências adequadas à idade dos participantes.

São celebrados, também, certos dias temáticos, como o Dia Meteorológico Mundial, Dia mundial da Saúde, ou Dia da Terra.

O Centro Ciência Viva de Vila do Conde tem ao seu dispor um serviço de animação de dias especiais. Os monitores deslocam-se até à Escola ou Jardim de Infância, levando consigo todos os materiais e kits necessários à realização de actividades científicas simples.

Horário

Terça a Sábado das 10h às 13h e das 14h às 18h

Nota: Durante o fim de semana os acessos a alguns espaços do Centro poderão estar condicionados, devido à realização de atividades específicas do Centro.

Irene Mónica Leite



UAU! 3

SEA LIFE - O AQUÁRIO FAMILIAR AMIGO DO AMBIENTE!



Sabias que o SEA LIFE Porto é a única empresa portuguesa com pegada ecológica positiva? A certificação do aquário passou por um demorado processo, mas valeu a pena.

No último ano, este aquário familiar emitiu 1108 toneladas de carbono, menos do que as 1163 que recolhe da atmosfera.

Refira-se que a redução do consumo energético passa por pequenas mudanças, como alteração do material de que são feitas as medalhas dos visitantes, mas também pela compra de energia verde, pela instalação de variadores de frequência energética e pela colocação de painéis solares no telhado do edifício.

No processo de certificação é contabilizado todo o consumo de energia na manutenção dos tanques, mas também nas deslocações de funcionários e visitantes.

A proteção do ambiente

O SEA LIFE Porto permite aos visitantes experimentar as maravilhas ocultas do oceano. A equipa de especialistas deste aquário é apaixonada pela conservação.

De acordo com a mensagem – BREED, RESCUE, PROTECT – o SEA LIFE Porto desenvolve um sistema de cuidados e melhoria das práticas de criação de animais que se baseia em décadas de experiência coletiva da sua equipa de biólogos marinhos.

Em conjunto com a parceria de beneficência registada (nº1149058), o SEA LIFE TRUST desenvolve e apoia projetos que protegem animais selvagens e *habitats* marinhos em todo o mundo.

Através precisamente do SEA LIFE, o Fundo de Conservação Marinha (SEA LIFE TRUST) pode atingir uma audiência considerável, tendo em conta as suas principais mensagens sobre áreas marinhas protegidas, pesca sustentável, poluição através de plástico e proteção para os tubarões, cavalos-marinhos, tartarugas e maníferos marinhos.

9

O SEA LIFE também promove limpezas de praia, disponíveis a todos os interessados. Uma forma de unir a comunidade em prol de um bem comum!

10 anos de história

O SEA LIFE Porto celebrou o 10.º aniversário em 2019. Para comemorar, o aquário inaugurou o Porto dos Pinguins, um espaço localizado no parque exterior, que recebeu 7 *pinguins-de-humboldt* todos eles provenientes do programa de reprodução em cativeiro da rede SEA LIFE.

Este aquário familiar também acolhe visitas de escolas, fundindo as vertentes lúdica e pedagógica.

Esperam-te, assim, tubarões majestosos, peixes-palhaço coloridos, as curiosas tartarugas marinhas, polvos e ouriços...

O SEA LIFE é tão divertido e interessante que não podes mesmo perder a visita!

Sabias que muitas das espécies que se podem encontrar no SEA LIFE Porto estão em risco de extinção?

Muitos deles foram resgatados e não podem regressar ao meio natural ou nasceram e desenvolveram-se através de um dos projetos de conservação do SEA LIFE Porto.



Mergulhem nas profundezas do oceano e fiquem frente a frente com os tubarões-de-pontas-negras, que nunca param e são os reis do tanque principal do SEA LIFE Porto, ou mesmo ao tubarão-zebra, uma espécie ameaçada que se distingue dos restantes tubarões pela forma e coloração.

A maravilhosa Tartaruga Mariza constitui outra grande atração do SEA LIFE Porto. Resgatada dos oceanos depois de ter sido encontrada presa numa rede de pescadores, esta tartaruga-verde nasceu nas ilhas Caimão e chegou ao SEA LIFE Porto em 2011!

A juntar à visita tradicional podem fazer algumas atividades imperdíveis que vão enriquecer certamente ainda mais o vosso conhecimento... e criar memórias subaquáticas inesquecíveis e muito divertidas!

Já imaginaste ter contacto com uma Tartaruga Verde gigante de 140kg? E alimentá-la? No SEA LIFE Porto, tudo é possível, tendo em conta os pacotes das experiências VIP.

Irene Mónica Leite



DOS LIVROS PARA A TELA

*As grandes viagens lideradas
por Júlio Verne*



Julio Verne foi um profícuo escritor francês. É considerado por críticos literários como o inventor do género de ficção científica, fruto da sua infinita curiosidade e imaginação. Os seus livros são conhecidos pelas previsões relativamente ao aparecimento de novos avanços científicos, como os submarinos, máquinas voadoras ou a viagem à lua. Um senhor definitivamente à frente do seu tempo. Escreveu mais de 100 livros, entre eles *A Viagem ao Centro da Terra*.

Sabias que do conjunto das obras de Julio Verne, 33 foram levadas ao cinema, dando lugar a um total de 95 filmes?

Isto sem contar com as adaptações para series deTV.

A obra mais vezes adaptada foi *Miguel Strogoff* (16 vezes), *Vinte Mil Léguas Submarinas* (9 vezes), *Viagem ao Centro da Terra* (5 vezes), *A volta ao mundo em 80 dias* (2 vezes).

Viagem ao centro da Terra: O livro

Trata-se de um livro de ficção científica da autoria do escritor francês Julio Verne, lançado em 1864 e considerado um dos clássicos do género.

O leitor é envolvido numa emocionante aventura narrada na primeira pessoa por Axel, um menino que participa do percurso ao centro da terra, realizado devido a um manuscrito decifrado pelo próprio.

Este volume revela-se um valioso exemplo de como um escritor pode viajar entre o real e o ficcional de uma forma muito bem estruturada.



Desvendando um pouco a história...

Na sua casa situada em Hamburgo, no dia 24 de maio de 1836, o professor e geólogo Otto Lidenbrock — um dos protagonistas da obra — encontra um pergaminho imundo, de autoria de um alquimista islandês do século XVI.

Escrito numa língua que não se compreende, o cientista, que era professor de mineralogia em Johannaem, pede ajuda ao seu sobrinho Axel para desvendar aquele mistério.

Com muito custo, tio e sobrinho conseguem compreender aquele texto composto numa escrita complexa (na verdade, uma linguagem usada pelos povos germânicos entre o século III até, mais ou menos, o século XIV).

Naquele pequeno manuscrito do alquimista islandês chamado Arne Saknussemm, o sábio confessa ter conseguido alcançar o centro da Terra. O percurso, que o alquimista fará, inicia-se na cratera do Sneffels, um vulcão extinto situado na Islândia.

Lidenbrock fica obsessivo com a notícia e resolve embarcar nessa aventura juntamente com o sobrinho para conseguir desvendar o centro da Terra. Assim que consegue ler o pergaminho, o geólogo ordena que Axel prepare duas malas, uma para cada um. A travessia dura cerca de dez dias e, quando os dois chegam à Islândia, vão à procura de alguém que possa ajudá-los a encontrar a trilha.

Adivinham-se muitas aventuras!

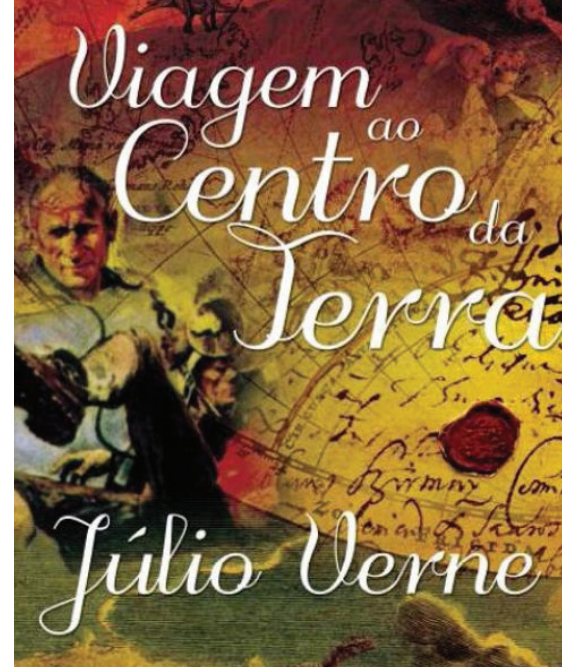
A adaptação ao cinema

Em 2008, o livro foi adaptado para o cinema, com James Mason e os atores Brendan Fraser, Josh Hutcherson, Anita Briem, Seth Meyers.

Na verdade, este filme é marcante por dois motivos. Primeiro: é o último lançamento do estúdio New Line Cinema, que foi adquirido (e desmembrado) pela Warner Brothers. Segundo, e mais importante: é o primeiro filme com elenco de carne e osso a ser rodado especificamente para exibições digitais com óculos 3D. A qualidade da película, deixou, contudo, a desejar.

Já a película de 1959, teve indicações ao Óscar e ganhou na categoria Prêmio Golden Laurel 2.º Lugar Melhor Ação Dramática.

Irene Mónica Leite



MANUELA LEITÃO



Nascida e criada na cidade do Porto, Manuela Leitão tirou a licenciatura em Ciências da Nutrição. A docência e a gestão de conteúdos ocuparam a maior parte da sua carreira profissional; porém, como gosta de muitas coisas — desde uma ponta do mundo até à outra —, ao longo dos anos tem adquirido formação e consolidado experiências em áreas tão diversas como a escrita de contos e poesia, a locução, a leitura em voz alta e narração de histórias, *ateliers* de ilustração e trabalhos manuais, fotografia, teatro e até costura criativa.

Sempre encontrou a sua maior inspiração na Natureza: achar-se de repente numa praia — sobretudo deserta — ou ver-se embrenhada numa floresta — as árvores são uma das suas paixões — faz o seu coração bater mais rápido e os seus dedos escreverem mais depressa.

É autora, até hoje, de três livros, considerados no âmbito da literatura infantojuvenil: *Viagem ao Mundo da Alimen-*

tação, Poemas da Horta e Outras Verduras e Poemas Para as Quatro Estações. Mas lá dentro de si sabe que ainda tem muito mais para escrever...

Poemas para as Quatro Estações

Para que as plantas floresçam na primavera, é preciso que, antes disso, o inverno as embale na terra, que o outono lhes espalhe as sementes ao vento, que o verão lhes amadureça os frutos. Os animais vão e vêm, conforme faz mais frio ou mais calor, e até nós nos comportamos de maneira diferente, com alegrias e afazeres próprios de cada tempo. Nenhuma estação do ano faz sentido sem as restantes. Bom mesmo é sabermos contemplar a beleza de cada uma delas — essa espécie de poesia de que nos apercebemos não só com os sentidos, mas, sobretudo, com o coração.

Nomeado melhor livro infantojuvenil 2017 pela Sociedade Portuguesa de Autores.

Poemas da Horta e Outras Verduras

Poemas da horta e outras verduras? Mas, será que podemos fazer ou, mesmo, ler poemas sobre um nabo ou uma abóbora-menina?... Claro que sim. Aqui, acima de tudo, brinca-se. Com palavras, com poemas, com histórias. Por acaso — ou não será assim tão por acaso? —, as personagens são da horta, mas poderiam ser outras. E até tu podias entrar neste livro.

São, sobretudo, pequenas histórias que acontecem todos os dias. Para as descobrires, só tens de estar atento... e ter alma de poeta!

POEMAS INÉDITOS

Par de Asas

Claro que gosto do verão,
cheio de sol e calor,
banhos no mar azul,
muita fruta,
muita cor.

Primos e tios e avós,
pés descalços na piscina,
deitar tarde,
tarde erguer,
e, em vez de sopa, gelatina!

Mas, no início de setembro,
há no ar uma saudade
e um aroma diferente:
cheira a lápis e a papel,
cheira a escola e a amizade.

Adoro conhecer o mundo,
ler, escrever e contar...
A escola é um par de asas
que, faça frio ou calor,
nos levam por aí a voar!

Uma questão científica

Uma questão científica,
que todos os dias me invade,
quer na escola quer em férias,
quer no campo ou na cidade.
Sei que há respostas para tudo,
critérios, explicações,
ensaaios de cientistas,
juízos que valem milhões.

Já sabemos porque há vento,
porque é que as estrelas piscam,
porque crescem os cabelos,
porque é que as nuvens
chuviscam.

Porque já não há dinossauros,
porque voam os aviões
e porque é que há tempestades,
arcos-íris e vulcões.

Porque é que o mar é salgado
e o champanhe tem bolhinhas,
porque são as gotas de água
redondas e perfeitinhas...

Ah, tanto avanço tecnológico,
tanto estudo e reflexão,
mas ainda ninguém me deu
resposta à minha questão,
a esta sensação de voo,
de espantos e sobressaltos:

- Porque é que ler um poema
me deixa o coração aos saltos?

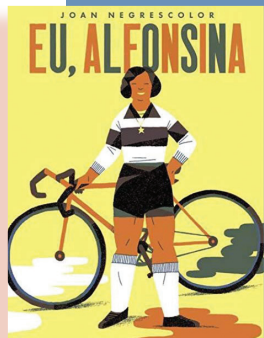
Mimosa

Será engano?
Já te vestiste de amarelo
e ainda mal começou o ano!

Ou será apenas distração
e esqueceste-te de despir o
vestido do réveillon?...



LEMOS, GOSTAMOS E... RECOMENDAMOS.



EU, ALFONSINA

O ilustrador catalão Joan Negrescolor apresenta-nos Alfonsina Strada (1891-1959), a primeira mulher ciclista a participar no *Giro d'Itália*, em 1924, apesar de então (como hoje) esse ser um mundo de homens.

Tudo começa aos 10 anos quando o pai lhe deu uma bicicleta, prenda ideal para quem quer ser livre, correr, pedalar. Para isso, e porque ciclismo era um desporto masculino, teve de vestir-se como um homem e dizer bem alto: - Eu, Alfonsina, serei ciclista! Ganhou a primeira corrida aos 13 anos, participou em provas ciclísticas em muitas cidades, como São Petersburgo, Bolonha, Paris, na Lombardia, aqui e ali, por tantos lugares, até ao *Giro d'Itália*. Chamavam-lhe “a Rainha do Pedal”, mais veloz do que o vento, certa até à meta.

Mais do que uma narrativa sobre o desporto, em geral, ou o ciclismo, em concreto, este álbum quer ser sobretudo dar a conhecer um símbolo de luta e resistência contra uma sociedade que ainda, em tantos setores, continua vedado às mulheres. Sobre esta intenção não deixa dúvidas a dedicatória inicial: “(...) e para todas as mulheres que não se rendem”. Tal também nos parece evidente no dinamismo da ilustração, em que, por exemplo, a disparidade proporcional entre Alfonsina e a bicicleta indiciam um obstáculo a superar; em que o roubo das botas do avô, as calças do tio, o bigode imperial e o chapéu de carteiro mostram as estratégias que eram necessárias para se ser aceite num universo masculino; ou ainda, a dupla página final (antes das guardas finais) em que Alfonsina é a única mulher entre um grupo de ciclistas na linha de partida.

Um livro desafiador!

Joan Negrescolor (2019). *Eu Alfonsina*. Lisboa: Orfeu Negro.

O MEU PAI DO CÉU

Com texto de Raquel Díez e ilustrações de Susana Rosique, as edições Paulinas brindam-nos com um livro que se situa no âmbito da confiança filial da oração do



Pai-Nosso, a oração por excelência dos crentes.

Como o título sugere, o texto, escrito na primeira pessoa, apresenta um narrador participante e onnisciente que tudo sabe sobre o Pai do Céu; as ilustrações, a par de expressões simples próprias do universo infantil, confirmam tal qualidade do narrador, não se inibindo este, em algumas páginas, de detetar e confessar os efeitos da ação do Pai do Céu sobre ele.

O pronome possessivo do título, todavia, sugere que este é um livro para um público determinado: os crentes, o que parece reiterado pela inclusão de um Caderno de Orientações Pedagógicas (mais catequéticas que pedagógicas) nas guardas iniciais. A associação das ilustrações (e do texto) a temas doutrinários não deixa quaisquer dúvidas acerca da intencionalidade do livro: o processo de amadurecimento da fé, como se lê na contracapa.

Ainda assim, na articulação entre o texto e a ilustração subsiste uma poética da espiritualidade do quotidiano, da simplicidade da existência e da beleza do mundo, capaz de suscitar nos pequenos leitores o aparecimento de algumas questões fundamentais e transcendentais com que todos, em algum momento da vida, devem confrontar-se, independentemente da resposta encontrada ou, até, negada!

Apesar de ou por causa de... um livro a ler, sem dúvida (tenha-se fé ou não)!

Raquel Díez & Susana Rosique (2019). *O meu Pai do Céu*. Pior Velho: Paulinas!



SONHO

Inserido na coleção “Imagens que contam”, coleção em que cada artista é desafiado a imaginar uma narrativa contada exclusivamente através de imagens, num título com

uma palavra apenas e com a

reinterpretação do logótipo da editora, eis este *Sonho*, de Susa Monteiro, livro que recebeu os prémios de Melhor Ilustrador Português – Amadora BD 2018 (Festival Internacional de Banda Desenhada) e Menção Especial do Prémio Nacional de Ilustração.

Nesta narrativa visual, uma sucessão de acontecimentos vai empurrando um homem e um tigre através da selva, pelo espaço, por entre mar, ilhas e vulcões, até uma estranha casa no deserto cheia de pinturas pré-históricas que ganham vida. Neste caminho, sombrio e inquietante, há animais e uma forte ligação à natureza, ao sangue e à terra.

Quando sonhamos, deslizamos para dentro do que somos; chegamos aonde nunca fomos. Nos sonhos, todos os lugares e todos os finais são possíveis. A verdade é que, em rigor, não sabemos se o que se narra é sonho ou uma realidade mágica; se tudo acontece

As cores quentes sugerem uma deambulação assumida e consciente, ainda que sonhada, pela e com a natureza, que invade/chega à casa, a única construção humana representada. Situada num deserto, mais do que a casa, o que sobrevive ao tempo são as imagens, fortes e expressivas, da flora e fauna nela representadas. Ou não partilhasse o Homem com vários animais a ancestral experiência do sonho...

Um livro a descobrir...

Susa Monteiro (2018). *Sonho*. Lisboa: Pato Lógico.

A CANTORA DEITADA

Neste livro, há uma cidade “grande e gorda de barulhos” e Alice, a cantora deitada no chão de uma esquina; há perguntas, apitadelas, cabeças a abanar, e o canto de Alice, “a sua forma preferida de falar”.

Além desta evidente oposição, há ainda uma singularidade: Alice não cantava de pé, só deitada e ao ar livre, porque “acreditava que, assim, a canção poderia acertar e destapar o coração das coisas.” E também porque “ao cantar de pé, a música sai murcha da garganta, cai no chão e parte-se”. Com a boca bem apontada, a canção sobe para o bico dos pássaros, que a conduzem para as nuvens, que a devolvem à terra com emoção: “Por isso, a chuva canta quando bate nas janelas. Quando cai nos buracos. E liberta perfumes quando embate na terra e mata a sede aos animais e plantas. E põe cores na vida.”

Uma narrativa envolvente em que uma cantora, literalmente deitada, transforma uma cidade grande e gorda de barulhos numa cidade grande, magra de barulhos e cheia de melodia. E, onde, por fim, começa a chover, porque “a canção verdadeira é aquela que se ouve nos ouvidos, se prova na língua, se cheira no nariz, e se vê na paisagem dos olhos.”

O colorido e expressividade das ilustrações de Maria João Lima, a par do dinamismo da alternância entre duplas páginas na horizontal e na vertical e da multiplicidade de técnicas, de composição sugerem um ritmo harmonioso para os olhos e para o coração.

Um livro para se ler, ver e ouvir, deitado ou não, como uma canção de chuva!



Sandro William Junqueira & Maria João Lima (2019, 2.ª edição). *A Cantora Deitada*. Lisboa: Caminho.

LEAMOS, GOSTAMOS E... RECOMENDAMOS.



A HISTÓRIA DE UMA HISTÓRIA

"Era uma vez uma mãe. Estava sentada numa cadeira de baloiço, num fim de tarde de verão, e embalava no colo o filho, enquanto lhe contava uma história...". Este parágrafo inicial de *A história de uma história* parece sugerir que esta mãe/contadora tem uma história fechada para contar ao seu menino. Este, porém, gosta de participar nas histórias que a mãe conta e pergunta após pergunta, "obriga" a mãe a reformular e recomeçar a história depois da cada nova pergunta ou sugestão. Tal facto leva a mãe a perguntar: "Queres tu dizer-me como acaba a história?". Aceite o pedido, o menino conclui a história que a mãe tinha para lhe contar.

A história de uma história é, como sugere o título, uma narrativa sobre o processo de contar / construir histórias, histórias abertas, histórias sempre suscetíveis de serem alteradas e modificadas por quem as ouve. A prova de que o leitor não é um mero ouvinte, mas alguém que (re) escreve a história que lê/ouve. Neste sentido, este livro é uma alegoria sobre a pedagogia da escrita/narração de histórias para crianças, além de ser uma ótima pedagogia da imaginação.

Acresce uma palavra sobre as magníficas ilustrações de Sara Cunha centradas na história que mãe e filho constroem e não no processo de construção da mesma (que só merece a ilustração final).

Um livro para ler e ampliar com novas versões da história...

Raquel Patriarca & Sara Cunha (2019). *A história de uma história*. V. N. De Gaia: Acento Tónico.

Raquel Patriarca & Sara Cunha (2019). *A história de uma*

QUEM VEM LÁ?

A pergunta, assim de repente, só pode ter uma resposta: *Quem vem lá* é uma história, com outra história, numa outra história, naquela história, uma história ao virar da história e a história que falta, sem esquecer a tua história. Ou seja, este livro é a história feita de várias histórias, conforme se venha ou esteja do lado de cá ou do lado de lá, para lá da cerca ou no fundo do poço.

Uma história, como uma paisagem, atravessada de uma ponta à outra, do início ao fim, em movimento, em viagem. E se, por descuido, sem querer (ou por querer muito), espreitarmos para o lado de lá do fim de uma história, encontraremos outra história, à nossa espera (coitadinha, há quanto tempo?) pronta para partir...

Um exercício criativo sobre a história das histórias ou, ainda, sobre as histórias que podem morar numa história! Sem esquecer o desafio final: "Podes contar-lhe [ao papagaio] as histórias que tu sabes?" ou "podes escrevê-las?"

As ilustrações de Rosário Pinheiro, carecendo de alguma unidade concetual, acompanham o intrincado (mas divertido) desafio proposto pelo texto, com apontamentos de humor desconcertantes.

Resta dizer que o texto ganhou o Prémio Matilde Rosa Araújo – Concurso Lusófono da Trofa, da edição de 2018 e que o livro é coeditado pelo Município da Trofa.



Rui de Almeida Paiva & Rosário Pinheiro (2019). *Quem vem lá?* Lisboa: Caminho.



O VELHO MAIS VELHO DO MUNDO

Este *Velho mais velho do mundo* mais não é do que o livro de memórias que um avô quer deixar ao seu neto; memórias de uma vida intensa, de “coisas muito antigas”, vividas e contadas pelos velhos;

memórias do tempo em que pessoas “eram donas de outras pessoas”, “do tempo em que as mulheres não podiam voar”, do tempo em que os homens tiveram de ir fazer a guerra em sítios distantes; memórias “de quando tudo isso mudou”, na revolução de Abril; memórias de “ter todas as profissões que existem e sentir todos os estados de alma”; memórias de “injustiças e misérias que me deixaram um nó na garganta e uma aperto grande no coração”.

Apesar deste avô ser o velho mais velho do mundo e de ter muitas memórias do que viveu, tem dificuldade em responder às perguntas difíceis do neto e prefere, em vez de utilizar as palavras, usar “as mãos para o abraçar”, pedindo-lhe que ficasse atento e sentenciando: “Se olhares a vida com paixão com que eu olho o mar, talvez um dia descubras as respostas às tuas perguntas, talvez aprendas mais sobre as pessoas (...)”.

Um magnífico e poético texto sobre a vantagem e a dificuldade do diálogo inter-geracional, porque, como se escreve a dado passo, “os velhos e as crianças são iguais. Mais do que todos os outros, precisam de mãos que façam festas e de bocas e olhos que beijem e sorriam”.

As ilustrações de Catarina Correia Marques, pelos motivos apresentados e pela cor, tornam as memórias deste velho mais velho do mundo nas memórias dum avô presente à vida do neto e construtor de harmonia e felicidade.

Um bom livro para netos e avós!

César Madureira & Catarina Correia Marques (2018). *O velho mais velho do mundo*. Lisboa: Máquina de Voar.

7

O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA

Esta reedição especial de *O Conto da Ilha Desconhecida* (a primeira edição é de 1997) de José Saramago, é uma metáfora acerca do mundo, onde o ser humano, as suas ambições e também as suas frustrações aparece retratado.

A partir do mote pessoano de que “para viajar, basta existir”, um homem dirigiu-se, certo dia, à porta do rei para lhe pedir um barco, mas aquela era a porta das petições, e não foi recebido pelo rei. Depois de muita insistência e de a muitas portas bater pelos meandros da burocracia real lá conseguiu que o rei lhe desse, finalmente, o tão desejado barco. A mulher da limpeza do palácio real foi a única tripulação que arranhou e, depois de apetrechado e limpo o barco, dormiram essa noite no cais. Na manhã seguinte batizaram a embarcação e, pela hora do meio-dia, com a maré, a Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma.

Situada num tempo e num espaço indeterminados, esta alegoria representa a história de todos os homens que lutam contra as convenções em busca dos seus sonhos e de si próprios.

As ilustrações de Fátima Ramos, muito coloridas e com recurso frequente a detalhes geométricos emprestam densidade visual à amplitude do texto. Assinale-se que esta edição visa a angariação de fundos para apoiar o povo moçambicano, na sequência da catástrofe humanitária causado pelo ciclone tropical Idai, porque, “mais do que uma língua comum, há um genuíno sentimento de fraternidade que nos une e que nos mobiliza”.

José Saramago & Fátima Ramos (2019). *O Conto da Ilha Desconhecida*. Porto: Porto Editora.



Já Sei!

Aprendizagens Essenciais

O quadro curricular atual é definido por dois documentos de referência: o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, que explicita a finalidade global do processo de aprendizagem formal em contexto escolar, e as Aprendizagens Essenciais, que definem o que atualmente é considerado relevante como aprendizagem escolar.

Esta coleção pretende favorecer a otimização do tempo pedagógico-didático, e apoiar o professor na sua atividade nuclear, permitindo orientar os alunos para percursos pedagógico-didáticos direcionados para a contextualização, a complexificação e para a consolidação das aprendizagens.

- De acordo com as aprendizagens essenciais
- Em articulação com o perfil dos alunos

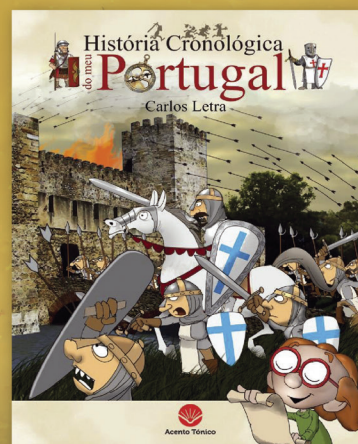


Matemática
1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos



Português
1.º, 2.º, 3.º e 4.º anos

História Cronológica do meu Portugal



Este livro aborda, de forma concisa, os principais momentos da História de Portugal, ordenados cronologicamente. Relatados com todo o rigor histórico, mas também com um toque de humor, os factos históricos resultam apelativos e motivantes.

Acrescem, ainda, várias curiosidades e ilustrações divertidas, que potenciam a aprendizagem.

Além de se confirmar como um excelente instrumento de estudo da História de Portugal, serve de guia a todos os «curiosos» que pretendam analisar o nosso passado e a nossa História para melhor compreenderem o presente.

Inclui ainda árvores genealógicas das várias dinastias, páginas com os Reis e Presidentes de Portugal, tabela cronológica e glossário.

**APOIO
ESCOLAR**



Acento Tónico

Acento Tónico, Lda.
Avenida Marechal Gomes da Costa, 31
4410 - 146 Vila Nova de Gaia

Tlm.: 96 819 04 68
(Dias úteis: das 9h00 às 13h00
e das 14h30 às 18h00)

editorial@acentotonico.pt
www.acentotonico.pt

OS NOSSOS PARCEIROS



O CCA – Centro Cultural de Amarante, Maria Amélia Laranjeira – tem no terreno o mais recente projeto que pretende dar a conhecer à comunidade Sénior o universo das diferentes expressões artísticas. Chama-se **Anima Natura** e está intimamente relacionado com a necessidade de criar, de resto, inerente ao ser humano. “Queremos trabalhar com a comunidade sénior, provando que qualquer idade é adequada para a prática de uma modalidade. Neste momento o projeto piloto arrancou já numa residência sénior, mas ambicionamos a médio, longo prazo, chegar a mais lares”, explica Tai Laranjeira, diretor executivo do CCA.

Espera-se trabalhar as capacidades cognitivas, físicas, sensoriais, afetivas e sociais permitindo uma ligação mais livre e orgânica das mesmas.

“Através de uma educação informal e da exploração das capacidades criativas (individuais e coletivas) iremos caminhar entre atividades de carácter psico-motor, plástico, dramático e musical”.

Esta atividade pretende também demonstrar processos alternativos para a realização das ideias propostas, onde o recurso de elementos da natureza, a prática de meditação e a leitura de contos tradicionais serão uma constante fonte de inspiração.

9

ANIMA NATURA: Um universo de expressões artísticas para descobrir!

Observar os Ciclos da Natureza e suas Manifestações; Celebrar as 4 Estações, os 4 Elementos e as 4 Direções da Natureza; Experienciar as diferentes linguagens dos Animais, Plantas e Minerais; Explorar diferentes contos tradicionais de uma perspetiva orgânica; Fazer ligação com as diferentes profissões ligadas à Natureza e meio Rural – são algumas das temáticas que se espera abordar.

Trata-se de uma nova modalidade, particularmente centrada na população sénior e que permitirá, nomeadamente: Ver a Natureza como fonte de inspiração Artística; Perceber o corpo como veículo de expressão (interior e exterior); Trabalhar as capacidades físicas, psíquicas e emocionais do idoso; Aprender a respirar conscientemente e perceber seu efeito no corpo; Criar momentos coreográficos/cénicos abordando diferentes linguagens; Permitir que a comunidade sénior tenha contacto com diferentes formas de expressão artística com uma perspetiva de sustentabilidade; Estimular a criatividade, sensibilidade através do contacto com elementos da Natureza; Despertar sensações de identidade, proximidade e interação entre os participantes; Proporcionar momentos de magia num ambiente único de partilha e aprendizagem; Sensibilizar os participantes para a responsabilização pessoal e a importância da preservação e conservação da Natureza e Promover valores de cidadania entre todos os utentes dos Lares.

DANÇA NATURA

Os Ciclos da Natureza são a fonte de inspiração para a criação artística da Dança Natura.

Dançar diferentes ritmos, meditar, respirar e conectar com os elementos da Natureza, são algumas das ferramentas desta prática.

Um dos objetivos é procurar e desenvolver técnicas, para alcançar um maior equilíbrio do corpo físico, mental e emocional.

Que possamos juntos elevar a Consciência e criar momentos de Alegria e Harmonia.



VISITA GUIADA

A Casa do João no Museu Marítimo de Ílhavo

*Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães
choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!*

Fernando Pessoa
(Mensagem)

A História de Portugal, enquanto nação e o mar que banha a sua orla costeira, encerra um laço com centenas de anos de existência. Assim se justificam as descobertas das rotas marítimas para a Índia, através de Vasco da Gama em 1498, e para o Brasil, pela mão de Pedro Álvares Cabral em 1500. Estes feitos extraordinários contribuíram para que um país tão pequeno em termos de dimensão territorial se engrandecesse ao nível de nações como Inglaterra, França ou Espanha e deixasse a sua assinatura naquela que foi a *Era dos Descobrimentos*. As viagens das nossas armadas lusitanas, essas, eram feitas a bordo de caravelas e de naus que possuíam a robustez e a resistência essenciais à navegação por entre mares revoltos e intempéries meteorológicas de todo o tipo.

A nossa relação com o mar contempla ainda uma forte vertente piscatória, a qual ocupou, empregou e alimentou um elevado número de gerações que dependiam do peixe para viverem. Não é preciso procurar muito para que alguém nos diga que, em tempos, lá iam as famílias para as barras da nossa orla costeira acenar aos homens que partiam em longas viagens para pescar uma espécie que, segundo o ditado lusitano, substitui o cão enquanto fiel amigo do homem: o bacalhau. Estas expedições pelo oceano Atlântico em direção ao norte do globo em busca do bacalhau eram autênticas viagens de superação, um pouco como o eram as cruzadas de, por exemplo, Vasco da Gama. Mas enquanto o maior troféu das viagens efetuadas há algumas centenas de anos era a descoberta de território ainda por reclamar, a maior vitória das gentes que partiam para a pesca do *gadus morhua* era o regresso a casa com vida e com os porões cheios de pescado.



O **Museu Marítimo de Ílhavo** é um repositório de memórias e de artefactos relativos a esta arte, ao mesmo tempo que homenageia as construções e todos aqueles que estiveram, ou estão ainda, ligados à atividade piscatória. Para além de uma sala inteiramente dedicada a uma embarcação que servia o propósito da captura de pescado à linha, tem ainda uma sala inteiramente dedicada às diversas fainas agromarítimas pertencentes à ria de Aveiro.

Na primeira, a denominada *Sala da Faina/ Capitão Francisco Marques*, encontra-se um barco em tamanho real que retrata a dimensão e a aplicação dos seus utensílios na prática da pesca à linha – o Faina Maior. Este modelo em exposição representa o navio típico das primeiras décadas do século XX e contempla várias componentes que lhe emprestam o máximo realismo possível, como são o caso da escotilha do porão, a gaiúta ou o parque de pesca, permitindo ao visitante subir a bordo e sentir a experiência de navegar correntes e marés ao leme do Faina Maior. Caminhando ao longo dos largos metros do convés fabricado em madeira, é possível observar elementos e utensílios tão diversos como redes, pipas de sal ou âncoras. Mas o que mais dá nas vistas são os pequenos dóris que se encontram empilhados e armazenados no veleiro. A presença destes pequenos barcos a bordo da embarcação principal prende-se pelo facto de que a pesca do bacalhau se podia realizar de duas formas: a bordo do veleiro e em conjunto com os outros homens ou a bordo de um dóris, que se afastava da embarcação e colocava o pescador entregue à sua própria sorte e perícia. Neste último caso, o dóris afastar-se-ia da embarcação-mãe por largas dezenas ou centenas de metros e apenas voltaria, horas e horas depois, repleto de pescado. Há relatos de pescadores que partiram solitários na busca de bacalhau e não mais regressaram ao veleiro ao qual pertenciam,

tal pode ser a imprevisibilidade dos oceanos relativamente às intempéries ou ao nevoeiro. Descendo do Faina Maior e voltando ao trajeto que transporta o visitante pelo museu, assistem-se nas laterais desta sala às representações do que não se encontra na embarcação. A título de exemplo, a ala esquerda demonstra os espaços que ficariam por baixo do convés, sendo estes o rancho, o porão da salga e ainda a câmara dos oficiais. Do lado oposto, a ala direita conta a narrativa de uma viagem à pesca do bacalhau e retrata, num primeiro momento, a largada do navio, seguindo-se a faina através de pequenos dóris e terminando no regresso do navio à barra de origem. Toda esta história é representada com fotografias e objetos relativos a cada um dos seus três capítulos.

Prosseguindo a visita ao museu, entramos numa outra sala onde nos é possível observar diversos barcos em tamanho real – a *Sala da Ria*. Esta coleção tenciona mostrar as embarcações típicas que navegaram ou ainda navegam, em alguns casos, os canais da Ria de Aveiro. De entre as quais, destacam-se não só os mais aclamados moliceiro e saleiro, mas também uma bateira-erveira ou um veleiro desportivo. Todos os exemplares são representativos de atividades que são, ou foram um dia, traço característico desta região aveirense. A produção e o armazenamento de sal são feitos nas salinas aveirenses nos dias que correm, mas o saleiro não é mais utilizado para o seu transporte. O processo de extração deste mineral representa ainda uma atividade económica da cidade de Aveiro, mas o desenvolvimento de estruturas e de meios remeteu o saleiro ao esquecimento. Já o moliceiro, que antigamente era utilizado na apanha e no transporte do moliço, foi transformado em barco de passeio e é, hoje em dia, passagem obrigatória para os turistas que visitam a cidade de Aveiro. As proas destas embarcações são, no entanto, autênticas telas



de arte pintadas a óleo e retratam diversos costumes e expressões populares. Para além de contemplar as diversas embarcações presentes na *Sala da Ria*, podemos ainda observar um mini estaleiro com alguns moldes que auxiliaram a construção das mesmas.

Somos então convidados a subir ao andar de cima para dar continuidade à descoberta de histórias relacionadas com mares já antes navegados. A próxima página da visita ao Museu Marítimo de Ílhavo é escrita na *Sala das Conchas e Algas*, espaço inteiramente dedicado a uma enorme e vasta coleção doada à instituição por Pierre Delpeut em 1965. Aqui, o visitante pode observar diversos seres marítimos que certamente farão as delícias dos mais novos, como são os casos das estrelas do mar, dos cavalos marinhos ou dos búzios. Para além dos elementos que se encontram visíveis nos mostradores da sala, as diversas gavetas disponíveis encerram em si autênticas obras de arte, como o são as coloridas algas e plantas marítimas arquivadas e conservadas em papel. A juntar a tudo isto, são merecedoras de destaque a grandeza deste espaço e a forma como a luz natural invade e embeleza a sala e o seu conteúdo.

A maré que conduziu até à Sala das Conchas e Algas o barco que transporta a nossa curiosidade, toma um outro rumo e faz com que ancoremos na Sala dos Mares. Esta exposição retrata aquela que é a vocação marítima das gentes ilhavenses e documenta a forma como ocorreu a sua proliferação ao longo das costas lusitanas. Nas suas paredes, o visitante pode observar as histórias e as artes que permitiram que estas pessoas procurassem e se estabelecessem em diferentes praias que se revelavam bons locais para pesca. Esta essência do povo ilhavense e o barco enquanto seu património cultural permitem que, para além das embarcações que lhe eram muito próprias, se possam contemplar outros modelos náuticos característicos da tradição nacional. Desta forma, miniaturas à escala de veleiros, arrastões, naus, caravelas e navios, por exemplo, encontram-se expostos nos muitos mostradores da *Sala dos Mares* e convidam a um olhar atento para que se perceba o nível de detalhe empregue nestas autênticas obras de arte. E antes de concluir a passagem por este espaço, numa pequena divisão que complementa a história que aqui nos é apresentada, podemos ainda recordar os instrumentos e as técnicas de navegação utilizadas pelos pescadores durante o antigamente. O astrolábio, enquanto representante maior da navegação astronómica, e os rádios, como representantes da navegação eletrónica, são dois dos diversos utensílios presentes neste memorial.

Aproximava-se a altura de ficar a conhecer a secção dedicada exclusivamente ao bacalhau, de quem o Museu Marítimo de Ílhavo se mostra tão próximo, mas a *Sala das Artes* pede que percamos largos minutos a admirar as obras nela presentes. O ambiente silencioso e a meia luz, não só realça os traços e a beleza dos diversos quadros e pinturas, como também acentua as sombras e o delineado das esculturas expostas. Conforme nos é transmitido, o Museu pretende celebrar a arte, a linguagem dos artistas e o seu discurso plástico. E é exatamente isso que o visitante pode fazer nesta sala. Celebrar a arte na sua essência e prestar uma homenagem aos diversos

artistas ilhavenses que contribuíram para a representação de um tempo outrora experienciado.

questões como “Fiel amigo?! De onde vem esta expressão?”, “Quem é, afinal, o «nosso bacalhau»?” ou “O bacalhau pode estar em vias de extinção?” aguçam a curiosidade para o que poderá estar mais adiante. Um texto presente numa das paredes responde a uma das questões anteriores e apresenta-nos o «nosso bacalhau». Trata-se do *gadus morhua*, vulgo bacalhau-do-atlântico, e o seu tamanho em adulto pode variar entre os 100 e os 200 centímetros de comprimento. É um peixe bastante aclamado por nós, portugueses, e está há séculos presente nas nossas mesas de natal. A sua captura é realizada maioritariamente nas partes fria e norte do oceano atlântico e, a par da Islândia, Portugal retira grande proveito económico desta espécie. No entanto, não é por razões financeiras que o Museu Marítimo de Ílhavo possui um *Aquário de bacalhaus* no seu interior. Este Aquário, inaugurado em janeiro de 2013, encontra-se em tudo ligado ao mote do museu e complementa a narrativa histórica da Faina Maior. Contemplar os seres nele existentes pode ser feito num nível superior, ao nível da água ou num nível mais baixo, através das suas enormes vidraças. Esta versatilidade e possibilidade de escolha confere ao tanque uma vertente estética e dinâmica capaz de encantar os mais novos e os mais velhos. Ao descer de forma circular pelos vários níveis do Aquário, chegamos ao *auditório*,

onde se encontram duas pequenas bancadas e nas quais o visitante se poderá sentar e descontrair enquanto contempla os bacalhaus que navegam serenos. No interior do tanque com mais de três metros de profundidade, para além da água entre os 10°C e os 12°C e dos bacalhaus, encontram-se também algumas peças que visam a simulação de formações rochosas e ainda algumas algas, de forma a recriar o ecossistema destes seres aquáticos. Em adição, os bacalhaus aqui presentes partilham o Aquário com algumas abróteas provenientes dos Açores, também elas da grande família dos gadídeos. Se as suas crianças lhe perguntarem qual a diferença entre um bacalhau e uma abrótea, encare todos os animais presentes no tanque e procure os que possuem uma espécie de barbicha próxima da boca. Estes serão os bacalhaus. Os fiéis amigos do povo lusitano.

A história que é a navegação ao longo das salas do Museu Marítimo de Ílhavo termina com uma passagem pela sua loja, onde é possível adquirir souvenirs relativos ao museu ou jogos didáticos cujo propósito é consolidar os conhecimentos apreendidos durante a visita. No final, a nossa compreensão sobre a importância e o protagonismo que o mar teve na moldagem da cultura portuguesa deve equivaler a beleza e a estética das memórias vislumbradas ao longo das salas percorridas.

João Caçador



ANTÓNIO PIEDADE A LUA NEGRA



Uma pestana de luar, debruada por um azul noturno oceânico, aconchegou o sonho de Luís. Sonhou com viagens para além das estrelas da noite, acompanhadas com os mais sensíveis sons cósmicos, gestos viajantes. Acordou súbito com o veraneio sonido das cigarras. Pulou num suspiro e encontrou o seu avô Ricardo a pestanejar a madrugada na soleira da porta.

— Acabei de vir de outra galáxia — intergalateou Luís!

— De onde? — espantou-se o avô Ricardo, rasgando o cordão umbilical da sua contemplação solitária.

— Não sei bem de onde, mas de longe, muito longe, acho que de um sonho noutra galáxia! — desenhou o neto explorador de sonhos.

— Isso é sempre bom — assertou a experiência do avô Ricardo.

— Porquê? — inquiriu Luís com olhos brilhantes de descobridor nato.

— Porque é sempre bom colocarmo-nos em lugares que não conhecemos. Para, perante esse desconhecido, continuarmos a descobrir quem somos.

— Mas eu sei quem sou! — disse Luís, universo inteiro na barriga. — Tenho dez anos, já sei ler, sei a tabuada dos dez e que o sistema solar não é o único no universo!

— De facto sabes muito mais do que muita gente

terráquea. Muito mais do que toda essa gente que acredita que o nosso planeta é plano!

— Ah! Ah! Ah! — divertida gargalhada esférica. — Nunca brincaria com essas pessoas tão limitadas! Não têm imaginação nenhuma! Não sabem ver para além do horizonte!

— Tens, de facto, uma grande capacidade de sentir o que não podes ver com os teus olhos! A tua imaginação é o mar ondulado do teu pensamento, o vento das tuas descobertas! Falas de madrugada como se já vivesses para além dos teus justos dez anos.

— Acho que não percebo bem o que me dizes, avô. Mas soa bem nesta noite escura. Escura, mas com mais estrelas do que quando há Lua.

— Há sempre Lua, mas só um quarto com luar! — gravitou o avô Ricardo com gesto orbital.

— Sempre estranhei este silêncio lunar, avô! Causa medo não vermos a Lua! — disse Luís com um arrepio de maré alta.

— Não precisas de ter medo. Ela volta à volta da Terra há milhares de milhões de anos. — afirmou astronómico o avô.

— Isso causa-me sempre espanto. De facto, é como dizes. Ainda não conheci nenhum mês em que a Lua não nos desse de novo o seu luar depois do seu quarto crescente. Não é assim, avô?

— Assim é. Mas olha: no mês de agosto deste acontece algo não muito comum — espicaça Ricardo, deslumbradamente.

— Então?! — aventura-se Luís para a descoberta.

— Houve duas Luas Novas! — diz Ricardo pronunciando o céu.

— A mesma Lua Nova duas vezes num

mês? — diz Luís, iluminando os olhos divertidos.

— Sim. A primeira vez no dia 1, a segunda vez mesmo no final do mês, no dia 30 de Agosto. A esta segunda Lua Nova deu-se o nome de Lua Negra!

— Lua Negra. Que nome soturno. Mas duas vezes Lua Nova no mesmo mês não é algo muito comum, certo avô?

— É verdade. Mas também não é assim tão raro. Ocorre a cada dois ou três anos. A Próxima Lua Negra ocorrerá em abril de 2022 — disse o avô de memória astronômica.

— Ui!! Falta muito tempo até 2022! Felizes os que puderam ver esta Lua Negra! — gesticula Luís entusiasmado.

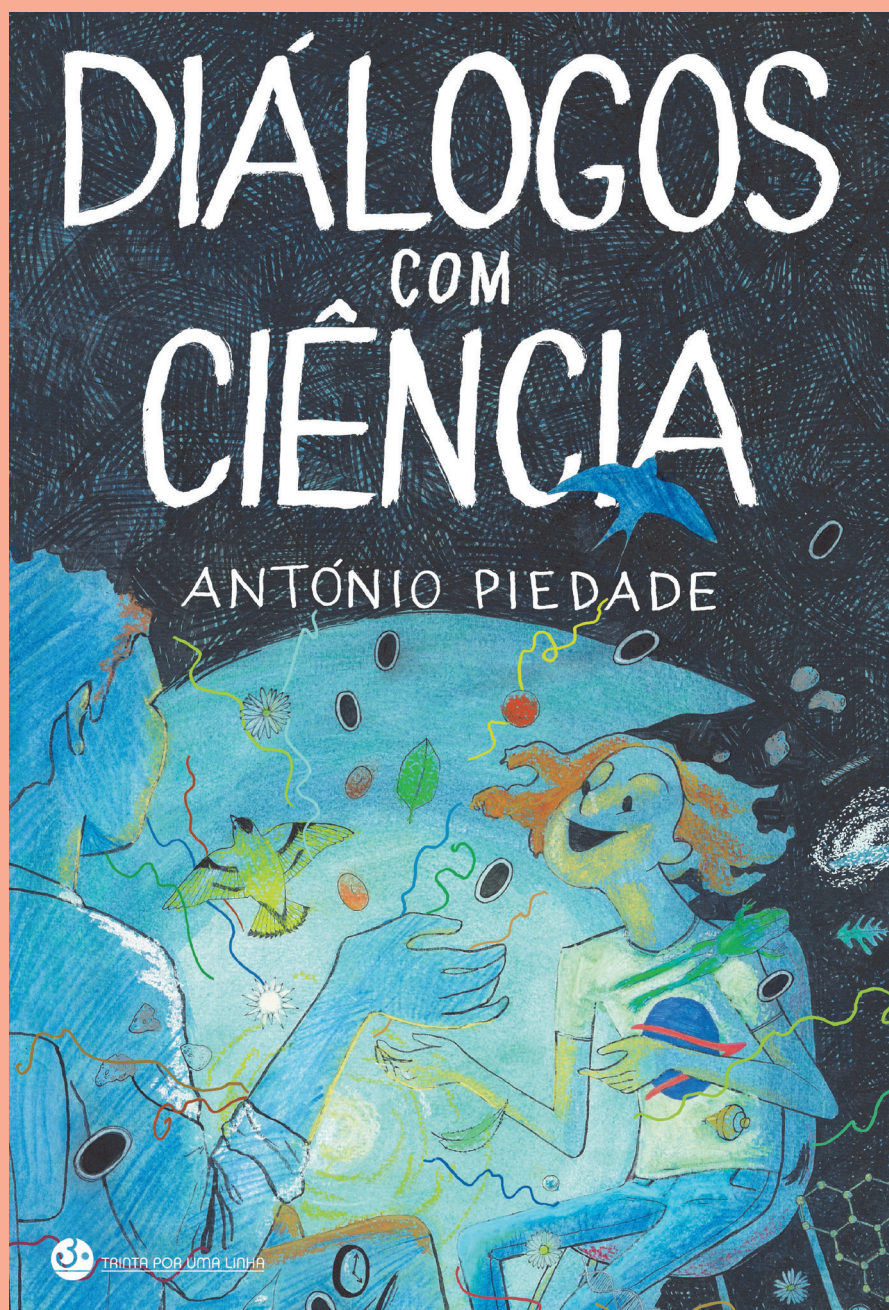
— Como sabes, a Lua Nova não se vê e logo a Negra também não! — explicou assertivo o avô.

— Mas está lá, não está? — questiona inquieto.

— Está. Talvez a consigamos pressentir. Mas a ausência de luar permite ver mais estrelas no céu. Podemos com a Lua Negra contemplar a vastidão do universo visível aos nossos olhos. Maravilhemo-nos.

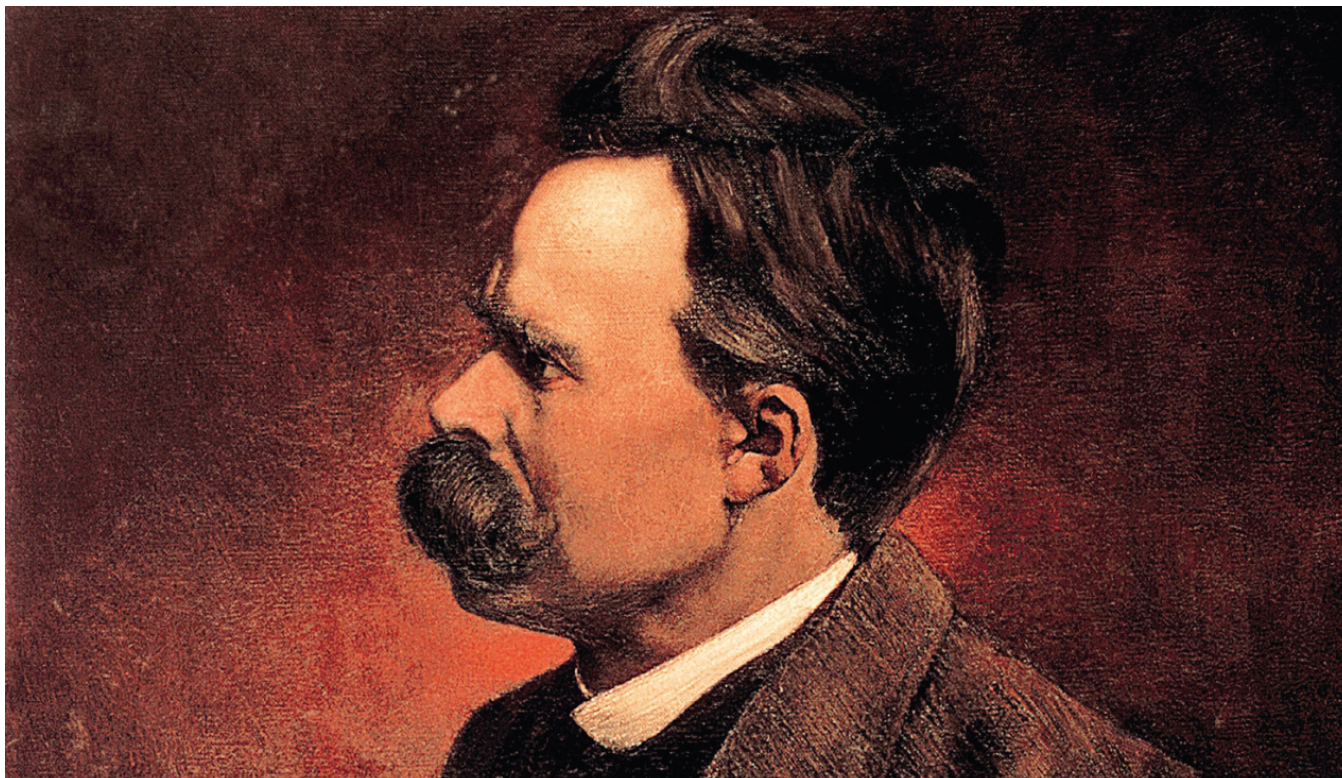
António Piedade

Comunicador de Ciência e Escritor



DICAS DE ESCRITA

DIEZ MANDAMIENTOS PARA ESCREVER COM ESTILO segundo Friedrich Nietzsche



Friedrich Wilhelm Nietzsche (Röcken, 15 de outubro de 1844 - Weimar, 25 de agosto de 1900) filósofo, poeta, músico y filólogo alemão, teve uma visão crítica da cultura, da religião e da filosofia ocidental.

As suas ideias principais incluem a crítica à dicotomia apolíneo/dionisíaca, o perspectivismo, a vontade de poder, a morte de Deus e o eterno retorno, entre outras. Começou a sua carreira como filólogo clássico — um estudioso da crítica textual grega e romana — antes de se voltar para a filosofia. Em 1869, aos vinte e quatro anos, foi nomeado para a cadeira de Filologia Clássica na Universidade de Basileia, a pessoa mais jovem a ter alcançado esta posição.

Em 1889, com quarenta e quatro anos de idade, sofreu um colapso e uma perda completa das faculdades mentais. Viveu os últimos anos aos cuidados da mãe até a morte dela, em 1897, e, depois caiu aos cuidados de sua irmã, Elisabeth Förster-Nietzsche, até morrer em 1900.

No que diz respeito à escrita, o seu estilo é aforístico, escrito em textos breves e concisos, muitas vezes de uma só página. Muitas das suas frases (sentenças) tornaram-se famosas.

Algumas delas:

- Nós, homens do conhecimento, não nos conhecemos; de nós mesmos somos desconhecidos.
- Quando se coloca o centro de gravidade da vida não na vida mas no “além” — no nada —, tira-se da vida o seu centro de gravidade.
- E aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam escutar a música.
- Em qualquer lugar onde encontro uma criatura viva, encontro desejo de poder.

- Torna-te quem és!
- Aquele que luta com monstros deve acautelar-se para não se tornar também num monstro. Quando se olha muito tempo para um abismo, o abismo olha para quem o olha.

Longe de ser um escritor de simples aforismos, é considerado um grande estilista da língua alemã, como mostra na obra ***Assim Falava Zaratustra***, livro que ainda hoje é de difícil compreensão estilística e conceitual.

Adorava a França e a Itália, porque acreditava que eram terras de homens com espíritos-livres. Admirava Voltaire, e considerava Goethe como o último grande alemão, humanista como Voltaire. Nestes países passou boa parte de sua vida e ali escreveu os seus livros.

PARA ESCREVER COM ESTILO

1. O que mais importa é a vida: o estilo deve viver.
2. O estilo deve ser apropriado à pessoa, dependendo da pessoa específica a quem desejas comunicar o teu pensamento.
3. Antes de pegar na caneta, é preciso saberes exatamente como dirias em voz alta o que queres dizer. Escrever deve ser apenas uma imitação.
4. O escritor está longe de possuir todos os meios do orador. Deves, por isso, inspirar-te numa forma de discurso muito expressiva. O que escreveres parecerá de todos os modos muito mais sombrio que o seu modelo.
5. A riqueza da vida traduz-se na riqueza dos gestos. Tens de aprender a considerar tudo como um gesto: o comprimento e o ritmo das frases, a pontuação, a respiração; também a escolha das palavras e a sequência dos argumentos.
6. Cuidado com o parágrafo. Somente aqueles que têm respiração muito longa têm direito a ser considerados como tais. Na maior parte dos casos, o parágrafo é apenas uma falsidade.
7. O estilo deve mostrar que acreditas nos teus pensamentos, não apenas que os pensas, mas que os sentes.
8. Quanto mais abstrata é a verdade que queres ensinar, mais importante é fazeres convergir para ela todos os sentidos do leitor.
9. O tato do bom contista na escolha de seus meios consiste em aproximar-se da poesia até a tocar, mas sem nunca ultrapassar o limite que a separa da prosa.
10. Não é sensato nem hábil privar o leitor das suas refutações mais fáceis; é muito sensato e hábil, pelo contrário, deixar-lhe o cuidado de formular ele mesmo a última palavra da nossa sabedoria.

CURIOSIDADES LITERÁRIAS

Pablo Neruda não se chamava nem Pablo, nem Neruda!

O verdadeiro nome do famoso poeta chileno era Neftalí Reyes Basoalto. Nunca contou esse facto porque essa mudança, dizem alguns, fê-la para não envergonhar a família, por ter um filho poeta.

Há quem defenda que Neruda retirou o novo apelido de personagem de Conan Doyle, outros dizem que foi do escritor checo Jan Neruda. Há diversas versões. O mais engraçado é que ele mesmo, já mais velho, disse certa vez: "Há algo mais tonto na vida do que chamar-se Pablo Neruda?".



Milionário sem contar

Ninguém imaginaria a sorte que Mario Puzo teria. O Padrinho, uma das películas e sagas (a obra está dividida em três partes) fez do autor do livro um multimilionário, pois foi com base no seu trabalho que o guião foi construído.

O escritor Mario Puzo, farto de auferir um saldo miserável e de tentar escrever novelas para se parecer com Kafka, decidiu escrever uma novela 'banal' para ver o que dali saía...

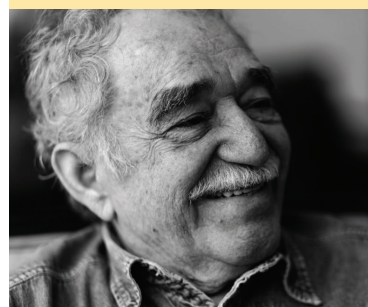


Gabriel Garcia Márquez

Dizem que Gabriel Garcia Márquez e a sua esposa Mercedes, foram levar o original de *Cem Anos de Solidão* ao correio para que o enviassem ao editor.

O envio custava 80 pesetas e tinham apenas 50. O autor fez com que se arrancassem umas quantas páginas até que o livro pesasse as 50 pesetas.

Quando chegaram a casa a esposa, Mercedes, disse-lhe o seguinte: "Gabo, agora falta apenas que o livro seja mau".



Rejeições e grandes erros!

Ninguém sabe exatamente a razão pela qual um livro tem mais êxito que outro, talvez a causa se deva à coincidência de muitos factores.

Olivier Cohen disse uma vez: um editor não deve ser julgado pelos bons livros não editados, mas pelos maus que publicou.

A frase deixa uma pergunta implícita no ar: Porque há editores que elegem maus livros? Vejam abaixo dois exemplos de grandes erros.

Gabriel Garcia Márquez recebeu um sonoro *nem vale a pena discutir o assunto* quando apresentou *Cem Anos de Solidão* a Carlos Barral.

O editor arrependeu-se toda a vida daquele erro.

Os primeiros editores que leram *Lolita* de Nabokov colocaram as mãos à cabeça e disseram-lhe para esconder o livro. Um equívoco, claramente.



Os idiomas têm frases, ditos, expressões comuns com um significado claro para quem os usa, mas que te deixam «a ver navios», isto é, sem perceber nada. São as ditas «expressões idiomáticas». A língua portuguesa está cheia delas.

O saber não ocupa lugar

Não se refere, ao que parece, ao fato de que o conhecimento não ocupa espaço, porque, a ser assim, as bibliotecas, por exemplo, seriam um exemplo oposto. Essa expressão é usada no sentido de que saber, conhecer, ilustrar nunca faz mal nem é de mais. O cérebro é capaz de aprender e assimilar quantidades surpreendentes de informações. E nunca se sabe quando esse saber pode ser útil.

Águas passadas não movem moinhos

O que aconteceu, já não importa.

Que é necessário tirar a importância do que não é mais remédio, o passado; o passado existe, e devemos olhar adiante sem ressentimentos, tentando esquecê-lo e pensar apenas no futuro. Como a água do rio que já passou pelo moinho, ela só olha para o mar.

Mais depressa se apanha um mentiroso do que um coxo

O presidente americano Abraham Lincoln disse, sobre as mentiras, uma frase que ficou célebre: "Podes enganar toda a gente por algum tempo. Podes enganar alguns o tempo todo. Mas não podes enganar toda a gente o tempo todo". As mentiras quase sempre acabam por ser descobertas.

O dinheiro não dá felicidade

Esta é, possivelmente, uma daquelas frases ditas e repetidas em todas as línguas e culturas do mundo. E o seu significado é verdadeiro: podes ser feliz com pouco e infeliz com muito. Também é verdade

que existem aqueles que, com sentido de humor, acrescentam uma segunda parte à mesma frase: "não, não dá felicidade, mas compra-a". O muito que tenhas não te garante a felicidade.

Em boca fechada não entra mosquito

Quem muito cala, pouco erra. Quando se está calado, nenhum erro é cometido. Também se diz: «O peixe morre pela boca». Significa que a prudência na hora de falar é uma boa conselheira, que o silêncio pode evitar males maiores. Se pensares que alguém está prestes a "estragar" ou dizer algo inapropriado, podes responder com um sorriso, pois não é rude fazê-lo.

À mulher de César não basta parecer séria, tem de sê-lo...

Não te basta dizer que és sério, tens de o provar. Não suponhas que os outros te julgarão sério, tens de demonstrar que o és. Diz-me o que presumes e eu dir-te-ei o que és.

Então, tens de demonstrar e olhar, mas sem gastar muito, porque pode parecer brilhante como o ouro e não ser ouro....

Mais vale pouco e bom do que muito e ruim

Tens de optar pela qualidade, sob pena de gastares mais ou ficares mal servido escolhendo o mais barato. Excesso, grandes quantidades de comida, objetos, tempo, não te satisfazem verdadeiramente se não forem bons. É melhor comer uma boa maçã do que uma caçarola de comida má...



Todos os bons livros assemelham-se no facto de serem mais verdadeiros do que se tivessem acontecido realmente, e que, terminada a leitura de um deles, sentimos que tudo aquilo nos aconteceu mesmo, que agora nos pertencem o bem e o mal, o êxtase, o remorso e a mágoa, as pessoas e os lugares e o tempo que fez. Se conseguires dar essa sensação às pessoas, então és um bom escritor.

Ernest Hemingway

Não há ninguém, mesmo sem cultura, que não se torne poeta quando o amor toma conta dele.

Platão

A experiência é uma lanterna dependurada nas costas que apenas ilumina o caminho já percorrido.

Confúcio

Toda a ciência começa como filosofia e termina em arte.

Will Durant (História da Filosofia)

A verdadeira ciência ensina sobretudo a duvidar e a ser ignorante.

Miguel Unamuno

A ciência é o grande antídoto do veneno do entusiasmo e da superstição.

Adam Smith (A Riqueza das Nações)

As letras e a ciência só tomarão o seu verdadeiro lugar na obra do desenvolvimento humano no dia em que, livres de toda a servidão mercenária, forem exclusivamente cultivadas pelos que as amam e para os que as amam.

Piotr Alexeevich Kropotkine (A Conquista do Pão)

Resolvem-se mais provas pela ciência e pela arte do que pela força de pernas e braços.

José Luís Peixoto (Em Teu Ventre)

CITAÇÕES PARA PENSAR

A ciência é a inteligência do mundo; a arte, o seu coração.

Máximo Gorky (Pensamentos Inaturai)

Esta é a essência da ciência: faça uma pergunta impertinente e cairá no caminho da resposta pertinente.

J. Bronowski (The Ascent of Man)

A ciência? Ao fim e ao cabo, o que é ela senão uma longa e sistemática curiosidade?

André Maurois

O começo de todas as ciências é o espanto de as coisas serem o que são.

Aristóteles (Metafísica)

A imaginação é mais importante que a ciência, porque a ciência é limitada, ao passo que a imaginação abrange o mundo inteiro.

Albert Einstein

Querem que vos ensine o modo de chegar à ciência verdadeira? Aquilo que se sabe, saber que se sabe; aquilo que não se sabe, saber que não se sabe; na verdade é este o saber.

Confúcio

Em ciência leia sempre os livros mais novos. Em literatura, os mais velhos.

Millôr Fernandes

A preguiça é a mãe do progresso. Se o homem não tivesse preguiça de caminhar, não teria inventado a roda.

Mario Quintana

A admiração é filha da ignorância, porque ninguém se admira senão das coisas que ignora, principalmente se são grandes; e mãe da ciência, porque admirados os homens das coisas que ignoram, inquirem e investigam as causas delas até as alcançar, e isto é o que se chama ciência.

Padre António Vieira

Acróstico é uma composição escrita feita a partir das letras iniciais de palavras isoladas ou localizadas no início ou no interior de frases e de versos. A partir dos acrósticos, que são lidos em sentido vertical, são formadas palavras ou frases. Eles refletem uma preocupação com a forma do discurso, motivo pelo qual são um dos recursos utilizados na função poética.

Amar o ambiente.

Manter as florestas limpas

Beza das árvores coloridas.

Incentivar a reciclagem.

Encontrar novas espécies florestais e plantas.

Não destruir a natureza.

Tratar bem os animais e plantas.

Embelezar as paisagens.

Micael

A nossa Natureza é importante;

Mas os homens estão a poluí-la;

Bem, os homens não ajudam o planeta;

Imensos hectares foram destruídos;

Então, nós temos de ajudar o nosso planeta;

Ninguém o pode poluir;

Temos o dever de o ajudar;

Então, viva o nosso planeta!

Sérgio

Anda, vem ajudar

Mar com lixo

Bonito vai ficar

Importante é melhorar

E não parar

No ambiente vamos trabalhar

Todos ajudamos!

E reciclamos

Tiago

Agora eu:

PARA BRINCALHARES

NÚMERO PUXA PALAVRA

Escrever um primeiro verso,
começado pelo número ou
palavra um.

Continuar a escrever os versos
seguintes, iniciando cada linha
com um número novo.

Se puder rimar, melhor.

Alguns exemplos:

UM PUM

Um pum
Dois bois
Três inglês
Um pum
Dois bois
Três inglês
Quatro arroz no prato
Cinco Maria do brinco
Seis Maria dos Reis
Sete pega no canivete
Oito vai ao biscoito
Nove dá esmola ao pobre
Dez vai lavar os pés
Onze os sinos de Mafra são de
bronze

(Do Património Oral)

HORAS DE SONO

Quatro horas dorme o santo,
Cinco o que não é santo...
Quatro horas dorme o santo,
Cinco o que não é santo,
Seis o caminhante,
Sete o estudante,
Oito o preguiçoso,
Nove o porco,
Mais só o morto

(Do Património Oral)

O SENHOR É PARVO

1 menino a correr, e
2 a cair
3 passarinhos a cantar, e
4 a voar
5 folhas da árvore caíram
6 formigas partiram
7 carros passaram, e
8 pais assobiaram
9 escolas fecharam e durante
10 dias os meninos brincaram.

(Alunos do 1.º Ano da Benescola)

Agora eu:

SOPA DE LETRAS

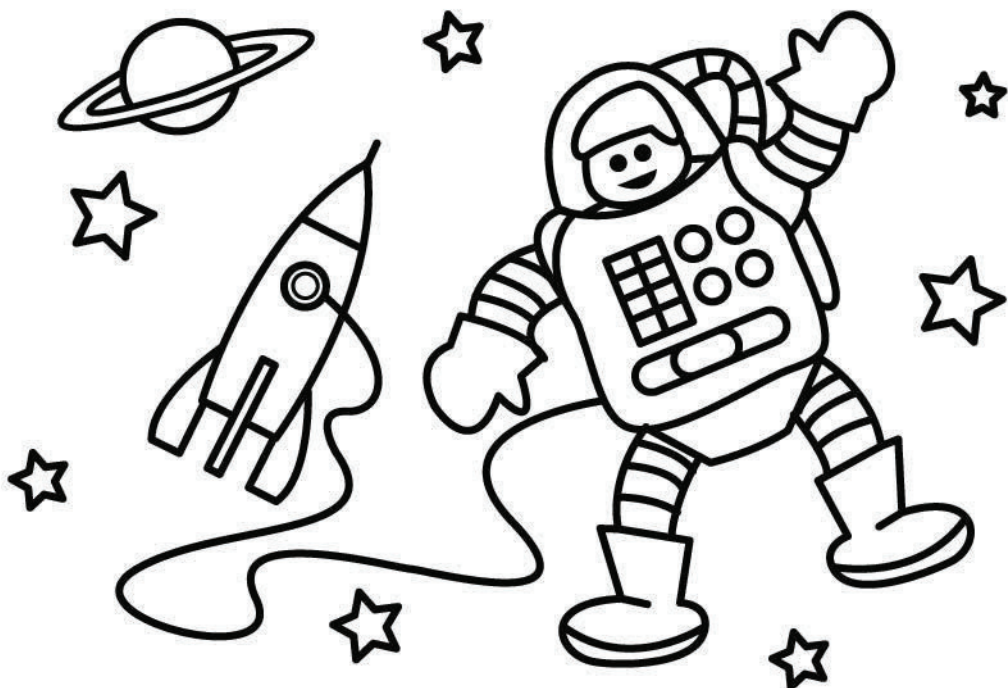
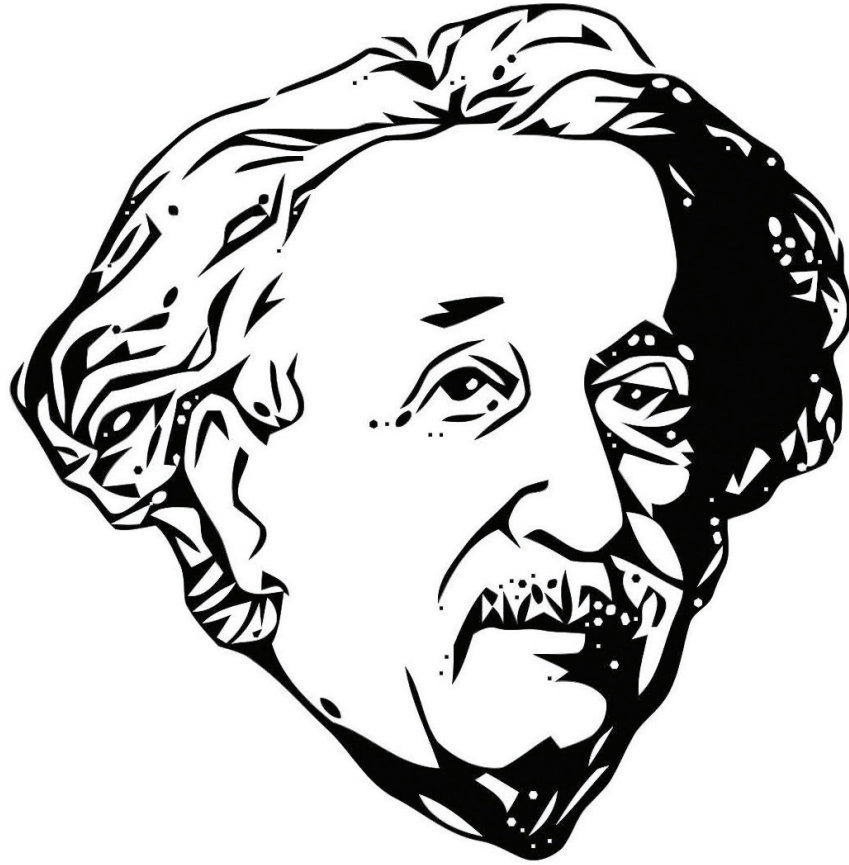
CIÊNCIA

C	Q	V	B	D	T	X	M	Y	Y	N	E	W	T	O	N	F	W	F	O
B	P	C	L	Q	A	A	B	V	U	Z	K	A	Q	I	O	N	G	Q	R
R	B	E	C	P	L	H	C	I	F	E	A	D	J	P	J	O	Y	E	J
M	L	M	I	Y	H	V	O	K	F	R	Y	A	A	J	F	S	T	V	Y
E	X	P	E	R	I	Ê	N	C	I	A	Y	P	T	P	E	V	W	H	W
X	E	I	N	T	Q	X	H	F	H	Z	O	J	H	L	G	M	O	Y	O
R	I	R	T	O	D	R	E	B	G	Ã	V	I	Y	D	H	A	G	Z	M
K	B	I	I	Z	Q	E	C	J	D	O	K	A	F	R	X	I	C	G	M
R	E	S	S	G	A	L	I	L	E	U	N	X	O	X	D	Z	M	Z	I
T	A	M	T	J	E	A	M	A	R	A	A	R	T	Y	G	Y	V	X	N
N	H	O	A	Y	N	T	E	X	X	O	P	V	S	G	V	A	M	R	X
E	I	N	S	T	E	I	N	S	L	H	X	C	E	D	D	K	J	P	J
O	S	A	B	E	R	V	T	O	B	Q	Y	X	Y	J	O	H	K	F	E
B	J	Q	L	B	G	I	O	R	Q	U	S	L	I	F	E	J	F	P	Y
N	B	V	Q	K	I	D	Y	H	V	Í	H	X	B	Í	F	Q	I	M	S
F	D	L	Q	O	A	A	U	B	D	M	G	Q	N	S	B	V	M	O	Y
W	L	M	É	T	O	D	O	P	W	I	V	L	J	I	W	G	B	V	J
U	S	G	O	P	S	E	U	D	O	C	I	Ê	N	C	I	A	A	F	F
W	W	S	Y	S	I	S	T	E	M	A	Q	K	W	A	H	F	U	T	W
N	J	T	P	P	V	N	O	O	Q	D	Z	Q	C	F	M	Y	N	K	F

CIENTISTAS	CONHECIMENTO
EINSTEIN	EMPIRISMO
ENERGIA	EXPERIÊNCIA
FÍSICA	GALILEU
MÉTODO	NEWTON
PSEUDOCIÊNCIA	QUÍMICA
RAZÃO	RELATIVIDADE
SABER	SISTEMA

PARA BRINCAHARES

PARA COLORIR



01110001
00110010
01001110
01100001
01171010
101001101
010100101
101010101
011011001
010111010
101101010
001011090
01000111
11000011
00010011
13001001
10011000
10118101
10100101
10100101
01010101
110110010
011101010
101010011
110101010
011100100
011100011
110010111
111010110
011010101
001101010
11001010
010101010
010910110
01001001